

Carlos Bezerra de Lima

**DICAS PARA ELABORAR SEU PROJETO
DE PESQUISA CIENTÍFICA**



Carlos Bezerra de Lima

DICAS PARA ELABORAR SEU PROJETO
DE PESQUISA CIENTÍFICA

1ª Edição

João Pessoa – PB
Edição do Autor
2019

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

L732d

Lima, Carlos Bezerra de.

Dicas para elaborar seu projeto de pesquisa científica/ Carlos Bezerra de Lima. — João Pessoa, PB: Temas em Saúde, 2019. 142 p.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-905516-6-9

1. Pesquisa - Metodologia. 2. Método científico. 3. Projeto de pesquisa. I. Lima, Carlos Bezerra de. II. Título.

CDD 001.42

Elaborado por Edjane Maria Leite Pereira Borba – CRB-4/2187

PEDIDOS:

Fone: (83) 98185 7591 / (83) 98886 0671

E-mail: carlos.bezerra.lima@gmail.com

APRESENTAÇÃO

O presente documento intitulado **Dicas para elaborar seu projeto de pesquisa científica** está sendo publicado em formato de E-book, disponibilizado ao público em suporte eletrônico, no site da revista temas em saúde. Foi elaborado com a intenção de contribuir com as pessoas que decidem elaborar projetos de pesquisa, observando as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

A ideia de publicar esta obra surgiu da observação de seu autor, quanto às dificuldades encontradas por estudantes de graduação e pós-graduação na elaboração de seus projetos de pesquisa, considerando que as informações técnicas encontradas nos documentos oficiais não atendem plenamente às necessidades dos estudantes, assim como, pela falta de padronização encontrada nos livros de metodologia científica, em nível de graduação e pós-graduação.

Em seu conteúdo, procuramos abordar de forma simples e esclarecedora aspectos como origem, evolução e estratégias de acesso ao conhecimento, características gerais e tipos de pesquisa científica, bem como, a forma como operacionalizar o trabalho de investigação científica mediante rigor metodológico.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
ASCENDÊNCIA DO CONHECIMENTO.....	9
O MEDO	10
O MISTICISMO.....	11
A CIÊNCIA.....	13
CONCEITOS E TIPOS DE CONHECIMENTO	16
CONHECIMENTO MÍTICO.....	19
CONHECIMENTO POPULAR	23
CONHECIMENTO FILOSÓFICO.....	28
CONHECIMENTO TEOLÓGICO	32
CONHECIMENTO CIENTÍFICO	35
CRITÉRIOS PARA ACESSO AO CONHECIMENTO	45
LEITURA.....	46
Leitura seletiva.....	49
Leitura para apreensão do conteúdo	51
Leitura analítica	52
FICHAMENTO	54
Ficha de referências	55
Ficha resumo	56
Ficha de citação.....	56
Ficha de Citação Direta	57
Ficha de Citação Indireta.....	60
MÉTODO CIENTÍFICO.....	62
MÉTODO DA OBSERVAÇÃO	65
MÉTODO INDUTIVO.....	67
MÉTODO DEDUTIVO.....	70
MÉTODO EXPERIMENTAL	71
METODOLOGIA CIENTÍFICA.....	73
PESQUISA CIENTÍFICA	81

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	82
PESQUISA EXPLORATÓRIA.....	84
PESQUISA DESCRITIVA	85
PESQUISA DOCUMENTAL	86
PESQUISA DE CAMPO	86
PESQUISA QUANTITATIVA	87
PESQUISA QUALITATIVA	87
PESQUISA PARTICIPANTE	88
PESQUISA ESTUDO DE CASO	89
OPERACIONALIZANDO A PESQUISA CIENTÍFICA....	90
PROJETO DE PESQUISA	97
ESTRUTURA DE UM PROJETO DE PESQUISA.....	100
DETERMINAÇÃO DO TEMA.....	100
TÍTULO DO PROJETO	102
INTRODUÇÃO.....	104
A questão da pesquisa	104
Objeto do estudo	108
Justificativa	109
Hipóteses.....	112
Objetivos.....	114
METODOLOGIA	119
TÉCNICAS E INSTRUMENTOS.....	123
A ENTREVISTA	124
PROCEDIMENTOS	125
REFERENCIAL TEÓRICO	128
ORÇAMENTO	133
CRONOGRAMA	134
REFERÊNCIAS	136
ANEXOS.....	138
NOTA SOBRE O AUTOR	140

INTRODUÇÃO

Conteúdos acerca de metodologia da investigação científica ou metodologia da pesquisa constituem parte fundamental dos conhecimentos que devem ser abordados na formação do profissional, tanto nos currículos dos cursos de graduação como em nível de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, nas diferentes áreas do conhecimento científico. Sua importância dá-se no sentido do desenvolvimento de competências e habilidades para a apreensão, compreensão, construção, apresentação e publicação do conhecimento científico.

Tais competências materializam-se no envolvimento com o conhecimento já reconhecido na realidade do contexto social, especificamente, quanto ao conhecimento científico, técnico, ético e legal aplicados na investigação do conhecimento empírico que está imbricado também na realidade social. Um processo de etapas ou passos, orientados pela metodologia científica, envolvendo concepções teóricas, técnicas, o espírito investigativo do pesquisador e sua criatividade, indispensáveis na investigação científica.

Oportuno se faz ressaltar que toda e qualquer pesquisa científica deva, necessariamente, ser planejada,

cujos passos metodológicos compoem o projeto de pesquisa, essencial para realizar a investigação científica, sem improvisação, sem imprevistos e sem desvios que comprometam os respectivos resultados.

A construção do texto **Dicas para elaborar seu projeto de pesquisa científica** foi idealizada com a finalidade de esclarecer possíveis dúvidas, orientar as pessoas envolvidas no processo de investigação a contribuir na produção científica em qualquer área do conhecimento, tanto nas instituições de educação, como nas áreas de atuação profissional. Particularmente, estamos nos referindo ao processo de produção científica, que deve ser desenvolvido sob o rigor científico, observando normas legais vigentes.

Neste caso, as Normas Técnicas - ABNT, para elaboração de trabalhos científicos, cujo endereço é:

Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT.

Av. Treze de Maio, nº 13 - 28º andar – Centro – Rio de Janeiro (RJ). CEP: 20003-900. E-Mail:

abnt@embratel.net.br

Home Page: <http://www.abnt.org.br/>

ASCENDÊNCIA DO CONHECIMENTO

Fazendo-se uma retrospectiva na trajetória da evolução humana é possível perceber uma correlação entre a construção, a consolidação do conhecimento e a inteligência humana. Trata-se de uma inferência, uma dedução a partir do que foi possível apreender desde os primórdios da humanidade. Tais informações foram o resultado da curiosidade humana, associada ao uso de sua inteligência, o que ocorreu em um processo lento e ascendente.

Com apoio nas contribuições de Ruiz (2002, p. 90) podemos afirmar que:

A história da humanidade é a história das lutas pelo conhecimento da natureza, para dominá-la, para interpretá-la; e cada geração foi recebendo um mundo interpretado pelas gerações passadas. As gerações dos místicos intentaram a interpretação mística do universo a partir de intuições, de iluminações proféticas. As gerações dos filósofos procuraram ultrapassar a experiência vulgar para encontrar o transcendente, o absoluto, o ontológico, a partir de elucubrações metafísicas, nas quais eram de capital importância o rigor lógico dedutivo de um lado e, de outro, a coerência do ser e de suas categorias consigo mesmas. Finalmente, as gerações dos cientistas desdobraram o universo em milhares de

segmentos, não para dizer o que é o ser, mas para saber 'como' cada coisa é.

Na luta do ser humano para conhecer o universo, é possível identificar diferentes níveis de expressão do conhecimento, que refletem o desenvolvimento da inteligência nos seres humanos, desde o surgimento dos primeiros hominídeos até o nível de sua expressão nos dias atuais: o medo, o misticismo e a ciência.

O MEDO

Por ausência de informações acerca de conhecimento, supõe-se que os seres humanos pré-históricos não conseguiam entender os fenômenos da natureza, por isso, infere-se que suas reações eram sempre de medo: temiam as tempestades e o desconhecido. Como não conseguiam compreender os fatos, os fenômenos, e tudo aquilo que se passava diante deles, o sentimento que lhes era expresso era em medo e espanto daquilo que presenciavam.

Acredita-se que, esse sentimento foi aos poucos sendo enfrentado pelos seres humanos que, em um processo lento e ascendente, foram descobrindo fatos, foram construindo representações desses fatos e dos

fenômenos naturais, foram imaginando formas e situações as mais diversas, a partir do que presenciavam, do que sentiam e daquilo que imaginavam acerca de tudo.

No atual contexto social, a humanidade vive em meio a um manancial de conhecimentos que ultrapassam a nossa capacidade individual de conhecer a todos e dominá-los. Trata-se de conhecimentos oriundos da curiosidade, do pensamento, da investigação e da interpretação dos seres humanos. Portanto, são conhecimentos que apresentam:

Um mundo já pensado, já interpretado, pronto para o consumo: história interpretada, sociedade organizada, normas estabelecidas de moral, leis de direito codificadas para cada idade, regulamentos para dirigir carro, programas escolares, tudo pronto. Mas a geração de hoje não pode resignar-se a um conhecer o mundo de segunda mão; não pode julgar-se dispensada de pensar naquilo que já pensaram por ela e definiram sem consultá-la (RUIZ, 2002, p. 91).

O MISTICISMO

Em um segundo momento histórico, a inteligência humana foi evoluindo lentamente do medo gerado pelo desconhecimento para a tentativa de explicação dos

fenômenos através do pensamento mágico, das crenças e das superstições. Sem dúvida, ocorreu já uma evolução, considerando que os seres humanos tentavam explicar o que viam.

Assim, as tempestades poderiam ser o resultado de uma ira divina, a boa colheita poderia ser fruto da benevolência dos mitos, as desgraças ou as fortunas resultavam do casamento do ser humano com o mágico. Essa nova forma de conhecimento e de explicar os fenômenos da natureza deixa evidente que o ser humano é inteligente e tem revelado sua capacidade de pensar e procurar conhecer.

Na atualidade entende-se que o conceito de misticismo está relacionado com a noção de religião e com a conexão que um indivíduo pode estabelecer com tudo o que não é terrestre ou material. Em outros termos, trata-se do fenômeno pelo qual as pessoas conseguem entender o que é Deus, de forma direta e pessoal, em uma conexão entre ele, o ser humano e o ser espiritual, a Divindade.

A CIÊNCIA

Como as explicações mágicas não bastavam para compreender os fenômenos da natureza, os seres humanos conseguiram, finalmente, evoluir para a busca de respostas a seus questionamentos através de caminhos que pudessem ser comprovados. Desta forma, nasceu a ciência metódica e sistemática, cujo processo foi realizado procurando sempre uma aproximação com a lógica.

Dotados da capacidade de pensar e exercitando esta prerrogativa, os seres humanos foram capazes de refletir sobre o significado de suas próprias experiências. Assim, foram capazes de realizar novas descobertas e de transmiti-las a sua posteridade.

Ressalte-se que o desenvolvimento do conhecimento humano está intrinsecamente ligado a sua característica de viver em grupo, ou seja, o saber de um indivíduo é transmitido a outro, que, por sua vez, aproveita-se deste saber para somar com o outro. Assim, paulatinamente, a ciência foi surgindo e evoluindo.

No processo de desenvolvimento da ciência, há informações de que os povos egípcios foram pioneiros de um saber técnico mais evoluído do que o de seus

contemporâneos, principalmente, nas áreas de matemática e geometria. No entanto, há indícios de que os gregos foram provavelmente os primeiros povos a deixar sua contribuição em um saber que tivesse, necessariamente, uma relação com atividade de utilização prática, sendo reconhecidos como protagonistas da Filosofia. Sua meta era buscar conhecer o porquê e o para que de tudo o que se pudesse pensar.

Em resumo, a realidade apresenta diferentes níveis e estruturas próprias em sua constituição. Assim, a complexidade do real, aquilo que é objeto do conhecimento implica diferentes formas de apreensão por parte do sujeito cognoscente, aquele que se envolve com o processo investigativo.

A aplicação dessas diferentes formas de saber define diversas categorias de conhecimento, tantas que superariam a possibilidade de aborda-las em um único estudo. Assim, por uma questão metodológica, neste documento, nós vamos categorizar o conhecimento em apenas cinco tipos ou especificidades: o conhecimento mítico, o conhecimento popular, o conhecimento filosófico, o conhecimento teológico, e o conhecimento científico. Estes são conhecimentos que estão presentes na realidade humana, que instigam nosso espírito

investigativo e estão imbricados no processo de cuidar em saúde, constituindo-se em objeto de estudo.

CONCEITOS E TIPOS DE CONHECIMENTO

A experiência humana apresentada em obras de literatura revela que, ao longo dos tempos, em um processo lento e ascendente, a humanidade conseguiu reunir informações que passaram a ser denominadas de conhecimento. Tais informações foram sendo agregadas no dia a dia das pessoas e aos poucos foram sendo construídas representações que deram corpo ao que passou a ser denominado de cultura, com características específicas para cada povo.

Como ponto de partida para a compreensão do estudo que apresentaremos nesta obra, o termo conhecer quer dizer atribuir significado a algo, ou incorporar um novo conceito sobre algo, sobre um fato ou a respeito de um fenômeno qualquer, ainda não conhecido do sujeito que está incorporando tal conceito.

Na literatura revisada neste estudo pode-se observar que, “genericamente, o conhecimento pode ser conceituado como a apreensão intelectual de um fato ou de uma verdade, como o domínio (teórico ou prático) de um assunto, uma arte, uma ciência, uma técnica” entre outros (PRESTES, 2016, P. 19).

O que até os dias atuais não foi ainda explicado na experiência humana é por quem e em que momento histórico esse processo foi iniciado. No entanto, pode-se afirmar que o conhecimento não surge do vazio, nem é criado do nada, é construído a partir de experiências que se realizam na relação do ser humano com seus semelhantes, com outros seres vivos, com seres inanimados e com tudo o que compõe o universo. Implica o desenvolvimento de um processo, que se inicia mediante leituras que devem ser realizadas.

Em termos gerais, o conhecimento revela a prática da vida, que se dá no ato ou efeito de conhecer, mediante uma relação realizada entre a consciência cognoscente e o objeto de conhecimento. Assim, o termo conhecimento pode ser definido como o resultado da relação que se estabelece entre o sujeito que pratica o ato de conhecer e o objeto a ser conhecido.

Nesse processo, o conhecimento sempre implica uma situação de dupla face: de um lado, coloca-se o sujeito cognoscente (aquele que procura conhecer o fato, o objeto ou fenômeno), e do outro, situa-se o objeto que se torna por ele conhecido. Entre o sujeito cognoscente e o objeto a ser conhecido surge um elemento que promove

a relação que se estabelece entre ambos, o que se denomina imagem.

No momento em que o sujeito cognoscente percebe a imagem, ele apreende o objeto, que se torna por ele conhecido. Através desse conhecimento, o sujeito cognoscente se apropria, de certo modo, do objeto conhecido. Através desse processo: “o homem penetra as diversas áreas da realidade para dela tomar posse; de certa forma, o homem, pelo conhecimento, reconstitui a realidade em sua mente” (RAMPAZZO, 2002, p.17).

Oportuno se faz ressaltar que a realidade não se deixa revelar simplesmente. Ela é constituída de muitos elementos, que se organizam em diferentes níveis e estruturas; assim, de um mesmo objeto, fato ou fenômeno podemos obter conhecimento em níveis distintos. No entanto, a realidade é tão complexa que, para se apropriar dela, o ser humano necessitou desenvolver um processo, que o levou a compreender e aceitar diferentes tipos de conhecimento.

Nesse processo de apropriação e aplicação do conhecimento, o ser humano desenvolveu a capacidade de criar novos e diferentes tipos de conhecimento, de atualiza-los e aplicar o conhecimento que apreendeu por diversos meios. Ou seja, o ser humano desenvolveu a

capacidade de criar um sistema de símbolos, como a linguagem, e com ele pode registrar suas próprias experiências.

Esse registro permitiu passar tais experiências para outros seres humanos da atual e das futuras gerações. Com esse sistema de símbolos, através da evolução da espécie, o ser humano conseguiu desenvolver a capacidade de pensar e foi exercitando esta capacidade até conseguir desenvolver a habilidade na ordenação e na previsão dos fenômenos que nos cercam, resultando no conhecimento em suas diferentes categorias. Considerando sua praticidade, é que neste estudo vamos abordar o conhecimento mítico, popular, filosófico, teológico e científico.

CONHECIMENTO MÍTICO

A preocupação em descobrir e, conseqüentemente, explicar a natureza vem desde os primórdios da humanidade, quando as duas principais questões referiam-se às forças da natureza e à morte. O desconhecimento acerca do homem, dos demais seres vivos e de tudo o que aparecia no universo gerou curiosidade que levou o ser humano a buscar explicações

para tais questões. A partir de suas reflexões o homem foi acumulando e passando conhecimentos a seus semelhantes que, posteriormente, foi denominado conhecimento mítico.

Esse tipo de conhecimento originou-se da necessidade de explicação dos fenômenos da natureza, atribuindo-os a entidades de caráter sobrenatural. A verdade era impregnada de noções supra-humanas e a explicação fundamentava-se em motivações humanas, atribuídas a forças e potências sobrenaturais. Há relatos na literatura de que: “As tribos primitivas, através dos mitos, explicaram e explicam os fenômenos que cercam a vida e a morte, o lugar dos indivíduos na organização social, seus mecanismos de poder, controle e reprodução” (MINAYO, 2002, p.9).

Outra referência acerca do conhecimento mítico nós vamos encontrar na citação de Faschin (2003, p. 03), quando afirma que:

A necessidade forçou o ser humano primitivo a observar o seu *hábitat*, ou seja, as plantas, os animais etc; a criar objetos simples e a começar a praticar a arte da cura. E para satisfazer as suas curiosidades, por meio da imaginação e interpretação, criou mitos que explicavam a seqüência dos acontecimentos. Segundo a experiência da vida cotidiana, o homem compôs

cultos mágicos para favorecer os espíritos, que, de acordo com suas concepções, dirigiam as forças do mundo. Foram introduzidos conhecimentos de astrologia e numerologia, entre outros. A humanidade, aos poucos, baseada em superstição e no desejo de conquistar a liberdade de pensamento, abriu caminho para descrever os fenômenos que estavam ao encalce de sua inteligência. Por intermédio da observação e experimentação.

Com apoio nas autoras acima citadas, tudo indica que o pensamento mítico teve início na Grécia, do século XXI ao século VI antes de Cristo. A impressão que fica é que o conhecimento mítico nasceu impulsionado pelo desejo manifesto de dominação do conhecimento acerca do mundo, dos fatos nele contidos, dos fenômenos que o cercam, para afugentar o medo e a insegurança advindos do desconhecimento. O ser humano de então se sentiu forçado a buscar formas de conhecer-se e de conhecer o contexto em que vivia.

A verdade do mito não obedece à lógica da verdade empírica, nem à comprovação da verdade científica. Trata-se de uma verdade intuída, que não necessita de provas para ser aceita, é uma intuição compreensiva da realidade, uma forma espontânea do homem situar-se no mundo. Em outros termos, o

pensamento mítico insere-se em âmbito do pensamento simbólico e da linguagem simbólica, que coexistem com o campo do pensamento e da linguagem conceituais. Duas linhas de estudos mostraram essa coexistência, embora essas duas modalidades de pensamento e de linguagem sejam não apenas diferentes, mas, frequentemente, contrárias e opostas. Supõe-se que, na fantasia primitiva, os seres mitológicos ocupavam todo o espaço do pensamento humano, abrangendo todos os fenômenos e conferindo brilho às inteligências de então.

Na Grécia antiga, por exemplo, quatro figuras do conhecimento mítico ocupavam o pensamento: Urano significava o céu - um suposto espaço que se encontrava em cima; Gaia ou Géia, que significava a terra, um espaço real encontrado em baixo; Eros era o amor, o palpitar que distende o corpo. Urano une-se a Gaia e dessa união nasce Cronos, o tempo. Une-se novamente à terra e ao mar e povoa o universo com seres os mais diversos. Cronos, num ato de rebeldia, castra o pai (Urano), extinguindo sua fecundidade, e com isto torna-se o senhor do universo, a quem impõe sua vontade, em forma de dias, horas, anos, séculos.

A partir desse mundo fantástico, o homem não está mais sozinho. Ele sabe que em cada fenômeno da

natureza se escondem presenças sobre-humanas; aprende a reconhecê-las e a chamá-las pelo nome; oferece sacrifícios e celebra preces em sua homenagem para merecer proteção. Assim, o universo fica mais rico e o homem se sente mais seguro.

CONHECIMENTO POPULAR

Conhecimento popular é o conhecimento que vem do povo, também conhecido por conhecimento vulgar; é o modo comum, corrente e espontâneo de se conhecer. Este tipo de conhecimento é adquirido por acaso, sem ter sido procurado. Um resultado que emerge na vida diária do ser humano e é passado nas relações interpessoais, de pessoa para pessoa, de pais e mães para filhos, de geração em geração.

Trata-se de um tipo de conhecimento que se baseia apenas em opiniões, que resultaram das experiências vivenciadas no dia a dia. Portanto, um conhecimento que a pessoa adquire independentemente de estudos, de pesquisas científicas, de reflexões ou da aplicação de métodos.

O conhecimento popular fundamenta-se em concepções, que não foram comprovadas cientificamente,

são resultantes apenas das experiências vivenciadas no dia a dia. Geralmente este conhecimento é conseguido na convivência diária e de forma involuntária, muitas vezes, ao acaso. Assim, podemos conceitua-lo como um conhecimento valorativo, que se fundamenta em emoções e em estados de ânimo, sendo ametódico, não sistemático, não crítico, portanto, impreciso (PRESTES, 2016).

O senso comum é transmitido de pessoas para pessoas em todos os períodos da trajetória histórica das civilizações (FACHIN, 1993). Didaticamente, podemos dividi-lo em duas áreas distintas: a Suposição, que abrange os tabus, os preconceitos, as lendas e as fábulas que sempre existiram, como forma de expressar o conhecimento da realidade; e o saber comum, também denominado de conhecimento empírico, conhecimento vulgar, conhecimento sensível ou senso comum.

Como exemplos do primeiro, podem ser apresentados os comportamentos, os hábitos alimentares e modos de vestir, por serem considerados indignos ao ser humano, ou por serem considerados sagrados, não devendo ser tocados ou manipulados pelos indivíduos comuns. Os preconceitos abrangem as ideias preconcebidas acerca de religiões, raças, culturas, entre

outras, gerando dificuldades no relacionamento entre as pessoas. As lendas e fabulas aparecem como forma de orientação, passando mensagens sem comprovação, sem explicação para os fatos e fenômenos abordados.

Como exemplos do segundo tipo, o conhecimento comum, podemos citar as habilidades primitivas, como a forma de cuidar dos animais, de cultivar a terra, as artes primitivas, além dos valores e a cultura das gerações, muitas delas presentes na atual cultura popular, e nas charadas, pegadinhas entre outros. Uma característica forte do conhecimento comum é a sua permanência através dos tempos, a dificuldade que as pessoas encontram em mudar de opinião, em desprenderem-se dos conhecimentos apreendidos ao longo de sua trajetória de vida.

Oportuno se faz lembrar que este tipo de conhecimento, que foi construído na experiência da vida prática, não deve ser confundido com o Empirismo Teórico, um ramo da investigação filosófica. Sua contribuição é relevante na definição de hábitos e comportamentos, e na caracterização da cultura do povo. O conhecimento popular tem como características a fidelidade, a presença na linguagem oral e ausência de rigor metodológico.

Observa-se na literatura revisada neste estudo que, desde tempos imemoriais até os dias atuais as religiões, a filosofia e ideologias deram e dão importantíssimas contribuições, como instrumentos poderosos explicativos dos significados da existência individual e coletiva do ser humano na terra. Assim, a ciência é apenas uma forma de resgatar, construir e atualizar o conhecimento da realidade. Contudo, na sociedade hodierna a ciência é a forma hegemônica de construção da realidade, com a compreensão de ser a ciência o promotor de verdade.

No entanto, este tipo de conhecimento é necessário “para a vivência do cotidiano, pois através dele é possível verificar o presente e fazer previsões sobre o que poderá ser feito no futuro, baseando-se na experiência e sendo transmitido pela tradição cultural” (PRESTES, 2016, p. 19).

No senso comum, as informações são assimiladas por tradição, experiências causais e ingênuas. O homem apropria-se de experiências próprias e alheias acumuladas no decorrer do tempo. O senso comum caracteriza-se como superficial, sensitivo, subjetivo, assistemático e acrítico.

Superficial – conforma-se com a aparência, com aquilo que a mente apreende simplesmente, sem reflexões, sem experimentação;

Sensitivo – aquele conhecimento referente a vivências, estados de ânimo e emoções da vida diária. Dependendo da forma como as pessoas foram criadas, como foram educadas e das relações interpessoais que tiveram, umas são mais sensíveis, outros menos. O nível de sensibilidade das pessoas determina a forma como elas se relacionam com os seres humanos e com outros seres vivos;

Subjetivo – o próprio sujeito é quem organiza suas experiências e conhecimentos, não havendo compromisso em concordar com seu objeto de conhecimento, nem em verificar se as ideias, as hipóteses estão adequadas aos fatos, o desenvolvimento do processo depende de sua visão de mundo;

Assistemático – a organização da experiência não visa a uma sistematização das ideias, não há preocupação com a forma de adquiri-las, nem com a tentativa de validá-las;

Acrítico – verdadeiros ou não, a pretensão de que esses conhecimentos o sejam não se manifesta sempre de uma forma crítica, o conhecimento obtido ao acaso, após inúmeras tentativas, ou seja, o conhecimento adquirido através de ações não planejadas. Exemplo: a chave está emperrando na fechadura e, de tanto experimentarmos abrir a porta, acabamos por descobrir um jeitinho de girar a chave sem emperrar.

CONHECIMENTO FILOSÓFICO

O conhecimento filosófico abrange o conhecimento de um modo geral. Não se prende a um determinado objeto de estudo, nem a um método específico e “conduz a uma reflexão crítica sobre os fenômenos e possibilita informações coerentes” (FACHIN, 1993, p. 20). Este tipo de conhecimento usa o método racional, no qual prevalece o processo dedutivo que antecede a experiência, não exige confirmação experimental, mas somente coerência lógica (RUIZ, 1993).

O conhecimento filosófico resulta do raciocínio e da reflexão humana, da especulação sobre fenômenos, gerando conceitos subjetivos. Busca dar sentido aos

fenômenos gerais do universo, ultrapassando os limites formais da ciência, pois:

O conhecimento filosófico caracteriza-se pelo esforço da razão pura no sentido de questionar os problemas humanos e poder fazer uma distinção entre o certo e o errado, valendo-se apenas das luzes da própria razão humana. Através dele buscam-se analisar ideias, relações conceituais, exigências lógicas não redutíveis a realidades materiais; não sendo, portanto, passíveis de observação sensorial direta ou indireta (com a utilização de instrumentos), como se exige na ciência experimental (PRESTES, 2016, P.25).

O conhecimento filosófico abrange todo o conhecimento vinculado ao mundo, porém, usa apenas o método racional e não é verificável pelos métodos científicos. Leva o pesquisador à reflexão crítica acerca de princípios e fundamentos das coisas/objetos em geral. Um método especulativo sobre o ser humano e o contexto em que o mesmo vive: objetos, fatos e fenômenos (ALVES, 2003).

O objeto de análise da filosofia são idéias, relações conceituais, exigências lógicas que não são redutíveis a realidades materiais e, por essa razão, não são passíveis de observação sensorial mediante a utilização de instrumentos de mensuração, como se faz no

conhecimento científico. O conhecimento filosófico analisa tudo, procurando ver o conhecimento sob uma visão de conjunto. Fundamentalmente, analisa problemas de ordem cosmológica (relativa ao mundo ou universo), gnosiológica (relativa ao conhecimento), antropológica (relativa ao homem), metafísica ou ontológica (relativa ao ser e sua origem), ética (relativa ao bem e ao mau), política (relativa à sociedade), estética (relativa à arte), pedagógica (relativa à educação), moral, entre outras.

Há consenso na literatura revisada neste estudo de que dois sistemas deram maior contribuição na construção do sustentáculo do saber filosófico: o idealismo e o materialismo. Este sustentáculo apresenta suas raízes no pensamento de Platão e Aristóteles.

No pensamento de Platão (427 – 347), buscava-se explicar o problema da aparência enganosa das coisas, a subjetividade das sensações, pressupondo que haveria um mundo transcendente, no qual seria possível encontrar as formas primeiras das coisas, as essências ou as ideias.

Nas suposições de Aristóteles (384 – 322), contradizendo seu mestre Platão, não se admitia a existência de nada que se encontrasse fora do mundo da realidade empírica. Aristóteles substituiu o princípio da

transcendência pelo da imanência, ou seja, as ideias das coisas encontram - se nelas mesmas e não em um espaço hipotético, sobrenatural, extraterrestre.

Para Aristóteles, através da abstração, a mente humana consegue separar o geral do particular, dessa forma, construir as ideias dos objetos existentes. Assim, o ideal estaria no aspecto genérico. Ou seja: “a ideia de árvore está contida na própria árvore. A ideia consistiria apenas na representação mental de algo. Assim, o *uno* (o ideal) existe com o *múltiplo* (o real), e as ideias são inerentes aos objetos sensíveis” (PRESTES, 2016, P. 25).

De acordo com o pensamento de Platão, a alma humana é imortal, enquanto para Aristóteles, a alma humana morre com o corpo e retoma seu lugar de origem, considerando que o espírito não tem existência fora da matéria e que alma e corpo são indivisíveis. Este conflito de ideias foi retomado por vários estudiosos ao longo da história da filosofia ocidental.

O idealismo platônico foi retomado com diferentes conceituações: Idealismo subjetivo (racionalismo) utilizado por René Descartes, na França de 1596 a 1650, originando o Cartesianismo; O idealismo crítico de Immanuel Kant, na Alemanha de 1724 a 1804. Ambas as correntes de pensamento tiveram diferentes seguidores, que deram

importantes contribuições ao desenvolvimento do conhecimento.

CONHECIMENTO TEOLÓGICO

O conhecimento teológico busca conhecer a verdade pelo caminho da revelação. Isso pressupõe e exige a autoridade divina, nela se fundamenta e só a ela atende. Portanto, tem como fundamento básico a fé, acreditando que: “Deus falou aos homens por meio de intermediários que transmitiram sua mensagem. Podemos afirmar que a teologia é uma reflexão racional e sistemática que, porem parte dos dados da fé; e, por isso, pressupõe a fé” (RAMPAZZO, 2002, p.23).

O conhecimento teológico tem como objetivo fundamental detectar um princípio e fim unívocos no que se refere à gênese essencial e existencial do universo. O conhecimento teológico tem por objeto de estudo os princípios da vida, enquanto estes têm sua causa suficiente em outro ser (BARROS; LEHFELD, 2000).

Sob essa perspectiva, o conhecimento teológico revela que Deus criou o universo com tudo o que nele existe, criou a terra, criou o ser humano e os demais seres vivos, e não importa como e nem a partir de que

tudo isso foi criado. O exemplo mais eloquente disso é o texto: A criação - no Livro do Gênesis, na Bíblia Sagrada, relatando:

No princípio Deus criou os céus e a terra. A terra estava informe e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. Deus disse: 'faça-se a luz! E a luz foi feita'. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas. Deus chamou à luz DIA, e às trevas NOITE. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o primeiro dia (Capítulo I, versículos de 1 a 5).

Ainda no capítulo 1 do Livro do Gênesis, na Bíblia Sagrada, encontra-se o relato de que:

Então Deus disse: 'Façamos o homem à nossa imagem e semelhança! Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os reptéis que se arrastam sobre a terra'. Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher. (versículos de 26 a 28).

Trata-se de uma questão de fé, em que, aquele que crê procura entender sua fé, encontrando motivos de credibilidade, e quando assim procede, está fazendo uso da razão, ou seja, está trilhando o caminho da filosofia, porém, isso é feito a partir da fé.

Procurando fazer um resumo de tudo o que foi apresentado até aqui, poderíamos afirmar que, “o objeto do conhecimento teológico são os dados da fé; e o método é a procura da integração entre a fé e a razão” (RAMPAZZO, 2002, p. 24).

O conhecimento teológico, também denominado conhecimento religioso, parte do princípio de que as verdades nele tratadas são infalíveis ou indiscutíveis, por tratar-se da revelação divina. Portanto, são verdades que não são submetidas a experimentos nem a comprovações.

De acordo com o pensamento de Prestes (2016, p.26):

A adesão das pessoas constitui-se em um ato de fé, já que a visão sistemática do mundo é interpretada como resultante da ação de um criador divino, cujas evidências não se colocam em dúvida nem se procuram verificar. As posições dos teólogos são fundamentadas em textos sagrados

No que diz respeito a sua origem e características gerais, no entendimento de Alves (2003, p.15), o conhecimento teológico:

Parte de pressupostos que não são passíveis de verificação. É produto da fé humana. O homem busca respostas nas entidades divinas, nos sacerdotes, nos líderes espirituais de diversas religiões

para questões que nem o conhecimento vulgar, nem o científico conseguem responder [...] parte da fé, apoiando-se em uma crença religiosa marcada por valores absolutos e incontestáveis, relativos às coisas sagradas.

CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Com o passar dos tempos, a humanidade conseguiu centrar atenção especial ao conhecimento científico, delimitando o que significa ciência, que em sentido restrito do termo quer dizer o conhecimento que apreende, registra e apresenta os fatos, a partir de suas determinantes. Assim, a ciência constitui-se:

Em um conjunto de proposições e enunciados, hierarquicamente correlacionados, de maneira ascendente ou descendente, indo gradativamente de fatos particulares para gerais e vice versa (conexão ascendente = indução; conexão descendente = dedução), comprovados (com a certeza de serem fundamentados pela pesquisa empírica, submetidos à verificação) (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 21).

O conhecimento científico é, pois, o resultado da investigação metódica e sistemática de tudo o que abrange o universo e o contexto social da realidade.

Transcende os fatos e os fenômenos em si mesmos e os analisa visando descobrir suas causas e explicar as leis gerais que os governam. O objeto do conhecimento científico (da Ciência) é o universo material, físico, perceptível através dos órgãos dos sentidos, com a ajuda de instrumentos investigativos.

O conhecimento científico é construído na prática pela demonstração ou pela experimentação, dependendo da forma como o processo investigativo é desenvolvido, dos procedimentos realizados e dos instrumentos utilizados para isso. Ao conhecer os segredos da realidade, os explica, resultando na conclusão de leis gerais, universalmente válidas para casos de mesma natureza (PRESTES 2016).

Há consenso na literatura de que o conhecimento científico caracteriza-se como: Racional, objetivo, factual; transcendente aos fatos, analítico, claro e preciso, comunicável, verificável, dependente da investigação metódica, sistemático, acumulativo, falível, geral, explicativo, preditivo, aberto, e útil.

Racional - Esta característica marca o conhecimento científico por ser constituído de conceitos, exigir o raciocínio e a prática de juízos de valores, não se valendo

de sensações, imagens ou modelos de conduta; permite que as ideias que o constituem tenham a possibilidade de combinar-se de acordo com um conjunto de regras lógicas, objetivando originar novas ideias (conferencia dedutiva); contém ideias organizadas em sistemas.

Objetivo - O conhecimento científico caracteriza-se como objetivo, porque busca concordar com seu objeto de conhecimento; porque verifica se as ideias, as hipóteses estão adequadas aos fatos.

Factual - Tem nos fatos seu ponto de partida e de chegada; o conhecimento científico apreende os fatos tal qual eles são produzidos ou apresentados na natureza ou na sociedade, de acordo com quadros conceituais ou esquemas de referencia; utiliza-se de dados empíricos (enunciados factuais confirmados, cuja obtenção conta com o auxílio de teorias ou quadros conceituais que realimentam outras teorias).

Transcendente aos fatos, pois descarta fatos e produz outros, explicando-os; seleciona os fatos que se consideram relevantes, controlando-os e, quando possível, reproduzindo-os; não se satisfaz com a

descrição das experiências, mas sintetiza-as e compara-as com o que já é conhecido a respeito de outros fatos; conduz o conhecimento para além dos fatos observados, fazendo inferências sobre o que é possível haver por trás deles.

Analítico, na abordagem de um fato, processo, situação ou fenômeno, decompõe-se o todo em partes; o procedimento científico de análise leva à síntese; sendo os problemas da ciência parciais, conseqüentemente, também o são as soluções.

Claro e preciso: pois em sua abordagem busca facilitar sua compreensão, primando pela simplicidade, e procura evitar ambigüidades.

Comunicável, sua linguagem deve / necessita ser entendida por todos os seres humanos instruídos para tal; sua formulação deve permitir a outros investigadores poderem verificar seus dados e hipóteses; deve ser considerado como propriedade de toda a humanidade.

Verificável, o conhecimento científico é aceito como válido quando passa pela prova da experiência,

considerando-se as ciências factuais, ou da demonstração, em se tratando de ciências formais; o teste das hipóteses é empírico (observacional ou experimental); devem-se aprovar ou refutar a hipótese científica por meio da prova ou da experiência.

Dependente da investigação metódica, o conhecimento científico é planejado; fundamenta-se em conhecimento anterior, especialmente em hipóteses já confirmadas, em leis e princípios já constituídos; obedece a um método preestabelecido, que vem determinar, no processo investigativo, a aplicação de normas e técnicas em etapas definidas com clareza.

Sistemático, constitui-se de um sistema de ideias que se correlacionam logicamente; o inter-relacionamento das ideias que formam o corpo de uma teoria pode ser qualificado como orgânico (substituindo-se qualquer das hipóteses básicas, ocorre uma transformação radical na teoria).

Acumulativo, seu desenvolvimento resulta de uma contínua seleção de conhecimentos significativos e operacionais; quando conhecimentos antigos se mostram

disfuncionais ou ultrapassados podem ser substituídos por novos; o surgimento de novos conhecimentos, que se adicionam aos já existentes, pode resultar na criação ou apreensão de novas situações, condições ou realidades.

Falível, não é definitivo, não é absoluto ou final; a própria racionalidade da ciência permite que o progresso científico se dê não apenas pela acumulação gradual de resultados, mas também pelo que se pode chamar de revoluções científicas, fazendo substituições, atualizações e extrapolações.

Geral, o conhecimento científico situa os fatos singulares em modelos gerais; e os enunciados particulares, em esquemas amplos; busca a uniformidade e a generalidade na variedade e na unidade; permite a elaboração de modelos ou sistemas mais amplos a partir da descoberta de leis ou de princípios gerais.

Explicativo, sua finalidade é explicar os fatos em termos de leis, em termos de princípios; além de buscar saber como são as coisas, procura explicar o porquê das mesmas sob os seguintes aspectos:

- ✓ Aspecto semântico: relativo a formulas, que podem ou não referir-se a fatos ou estruturas;
- ✓ Aspecto sintático: referente à argumentação lógica, com proposições gerais e particulares;
- ✓ Aspecto ontológico: em que se explica um fato, localizando-o em um sistema de entidades inter-relacionadas por leis, através de um processo dedutivo;
- ✓ Aspecto epistemológico: em que, inversamente à dedução, parte-se de um fato, e o que se deve encontrar são as leis ou regras;
- ✓ Aspecto genético: derivado do aspecto epistemológico, que consiste na capacidade de produzir hipóteses e sistemas de hipóteses;
- ✓ Aspecto psicológico: que considera a explicação como fonte de compreensão.

Preditivo, a ciência atua no plano de previsível, pois se baseia na investigação dos fatos e no armazenamento de experiências; por meio da indução probabilística, pode fazer a previsão de ocorrências, baseando-se em leis já estabelecidas e em informações fidedignas a respeito do estado ou do relacionamento de coisas, seres ou fenômenos.

Aberto, o conhecimento científico desconhece barreiras limitadoras do conhecimento; reconhece que a ciência não se constitui em um sistema dogmático e fechado, mas controvertido e aberto; de certo modo, liga-se às circunstâncias de sua época conforme os instrumentos investigativos de que se dispõe e dos conhecimentos que se acumularam.

Útil, pois buscando a verdade, cria ferramentas de observação e experimentação capazes de conferir um entendimento adequado das coisas; permite uma conexão entre ciência e tecnologia (PRESTES, 2016).

Sob uma perspectiva histórica, é possível afirmar que todo o conhecimento da Antiguidade e da Idade Média encontra-se vinculado à filosofia e dela só se separa quando procura o seu próprio caminho, ou seja, o seu método: o que vai ocorrer apenas da Idade Moderna para a atualidade.

Provavelmente, houve tempos em que o homem, por falta de conhecimento científico, pensou que a noite era o momento em que o sol ia dormir. Muitas histórias foram inventadas procurando explicar a alternância dia/noite, claridade/ escuridão, vida/morte. Isso pode

significar que a ciência não surge “pura”, mas tem origem nas interpretações que o homem ia conseguindo fazer do mundo e do tempo.

No atual contexto social, o conhecimento científico é construído sistematicamente, é veiculado na academia e nos meios de comunicação social. Portanto, é fruto da subjetividade e da investigação científica, ou seja, o conhecimento científico constitui uma conquista recente da humanidade (RAMPAZZO, 2002).

Não há dúvida alguma de que o processo de aquisição e produção do conhecimento não é passivo, mas configura-se como resultado, produto de reflexão crítica sobre a infinidade de itens que compõem a natureza, bem como, sobre as inúmeras relações que se estabelecem entre esses itens. Ressalte-se que, “a produção de conhecimento é uma atividade transformadora: transforma a Natureza (a realidade) e transforma o homem enquanto produtor desse conhecimento” (COSTA, 2001, p.4).

A partir do momento em que se reconhecem tais características no conhecimento científico, é possível afirmar que o mesmo:

Pertence ao rol do conhecimento intelectual, porem vai mais além para buscar conhecer e demonstrar as causas das coisas, dos fatos, seu

estagio de evolução ate demonstra-las, concluindo e generalizando a respeito da realidade [...] Nasce da dúvida e se fixa na certeza (ALVES, 2003, p. 16).

CRITÉRIOS PARA ACESSO AO CONHECIMENTO

Como já foi abordado neste estudo, o conhecimento “consiste em toda atividade do espírito tendente à apreensão de objetos, bem como um conjunto de teorias e informações que resultam desta atividade ao longo do tempo” (MONTEIRO; SAVEDRA, 2001, p. 26). Assim entendendo, o conhecimento significa o maior e mais importante patrimônio que a humanidade conseguiu construir ao longo da trajetória histórica de todas as gerações, graças a sua capacidade de conhecer e de pensar, pois:

Conhecer e pensar colocam o universo a nosso alcance e lhe dão o sentido, finalidade e razão de ser. O homem é ‘o ser verdadeiro, o olho que vê o mundo’. Vê e conhece, conhece o que vê e pensa no que viu e no que não viu, conhece e pensa, pensa e interpreta (RUIZ, 2002, p. 90).

Este patrimônio – o conhecimento - é da livre iniciativa e do interesse de todos os povos e nações, indistintamente. Contudo, quando se trata do acesso a este patrimônio, surge a necessidade da definição ou estabelecimento de critérios, Independentemente do tipo de conhecimento com o qual o sujeito cognoscente pretenda envolver-se, do tipo de conhecimento que se

pretenda utilizar e da forma textual de sua apresentação, o envolvimento de uma pessoa com o conhecimento implica necessariamente a leitura.

Particularmente, quando se trata do conhecimento científico, a leitura toma características especiais: realizada sob o rigor científico, compreendida como a porta de entrada para o seu âmbito, condição indispensável para apreensão, compreensão, e construção do conhecimento. A seguir, apresentamos neste texto alguns significados que são atribuídos à leitura.

LEITURA

A leitura está definida no dicionário de língua portuguesa como “Ato ou efeito de ler. Aquisição da informação com base em alguma forma de armazenamento” (HOLANDA, 1975). No entanto, a leitura pode ser entendida como ato de apreender o significado de um texto, ou o ato de atribuir significado a um texto.

Isso significa que o mesmo texto pode ter sentidos diferentes para diferentes leitores. Isso lembra uma observação de Paulo Freire ao afirmar que cada indivíduo vê o mundo com os olhos que tem. Assim, é possível

diferenciar alguns tipos de leitura, principalmente, quando se trata do conhecimento científico. Contudo, convém evidenciar algumas observações especiais que caracterizam a leitura, considerando que:

Durante a leitura, nossos olhos percorrem as linhas não em movimento contínuo, mas aos pulos, não lemos durante o movimento dos olhos, mas nas suas rápidas paradas, que podem ser observadas com aparelhos adequados nossos olhos podem fixar-se em uma sílaba, em uma palavra, ou em um grupo de palavras, nessas paradas de reconhecimento dos estímulos gráficos. Quanto mais amplo for este campo de parada ou de reconhecimento, mais veloz será a leitura; e como essas paradas incidem em palavras principais, mais compreensível torna-se o texto (RUIZ, 2002, p.42).

Este mesmo autor afirma que o leitor habilidoso não lê palavra por palavra, nem sílaba por sílaba no texto, mas seu olhar incide sobre grupos de palavras, sendo que a pausa para reconhecimento das mesmas é curta. Contudo, esta habilidade é o resultado de exercícios de leitura. Sugere que nesses exercícios, o leitor deve fixar as sílabas iniciais em cada grupo de palavras, como se o texto estivesse escrito com abreviatura. Adverte que:

Quem faz leitura trabalhada exercita-se na habilidade de discernir o principal e o

acessório, e deixar assinalado, durante a leitura, tudo o que poderia fornecer elementos para o levantamento do esquema, para a elaboração do resumo ou para transcrições em fichas de documentação pessoal. Ao contrário, quem não lê com discernimento, ou quem não sublinha com inteligência, fará resumos falhos, sínteses mutiladas que mais atrapalharão nos estudos e confundirão nas revisões do que ajudarão (RUIZ, 2002, p. 43)

No contexto do conhecimento científico, a leitura deve ser realizada com espírito crítico, ou seja, o leitor vai analisando e questionando o que está sendo lido. Deve fazer correlações do que está lendo com o seu objeto de estudo, e fazer julgamentos quanto à veracidade e validade das informações, para tomar decisões acerca de sua aceitação.

No processo de conhecimento, alguns tipos de leitura são necessários para que o leitor possa apreendê-lo com precisão, tenha condições de compreendê-lo, de programar a construção, reconstrução ou extrapolação do conhecimento científico. Esse processo pode passar por vários tipos de leitura, porém, no contexto científico abordado neste texto serão apresentados três tipos de leituras absolutamente indispensáveis na elaboração do projeto de pesquisa: Leitura seletiva; leitura para

apreensão do conteúdo; leitura analítica, que devem ser realizadas sob um olhar crítico.

Leitura seletiva

A leitura seletiva ou leitura preliminar é uma leitura panorâmica, embora avaliativa, realizada com a finalidade de capacitar o leitor para separar o que ele deve ler para fundamentar o estudo que pretende realizar, bem como, para descartar o que não precisa ler em função de seu projeto de pesquisa. Assim, propomos que o leitor siga os seguintes passos metodológicos em se tratando de livro:

O leitor deve examinar a capa do mesmo, na qual deve constar: título da obra, subtítulo, se houver e autor ou autores. Na chamada 4ª capa, a parte de trás do livro, a maioria das editoras procura apresentar os objetivos maiores do trabalho, inclusive algumas recomendações consideradas importantes para o leitor. Fazer a leitura do prefácio ou apresentação, que dá uma idéia do conteúdo da obra e do ponto de vista do autor.

Deve fazer a leitura do sumário ou índice, que fornece uma idéia mais consistente do conteúdo da obra, às vezes, um único capítulo fornece ao leitor aquilo que lhe interessa. Quando houver Índice remissivo, que

geralmente é colocado no final do volume, o leitor deve fazer a leitura do mesmo. Esta é uma leitura importante, pois trás os termos descritores, relevantes para a compreensão do todo ou de partes da obra.

O leitor deve fazer uma leitura superficial de todo o conteúdo do livro, especialmente a introdução, a conclusão e os trechos que mais chamar à atenção, para que tenha condições de realizar uma catalogação mental da obra.

Caso se trate de um artigo, o leitor deve observar o título, procurando nexos com a pesquisa que pretende realizar; deve conferir a data de sua publicação, com atenção especial para o artigo publicado nos últimos cinco anos. O leitor deve observar o autor (ou autores), e fazer uma leitura do resumo, da introdução e das considerações finais ou conclusão.

A partir desta etapa, o pesquisador tem condições para separar o que precisa ler dos demais textos, reunindo todo o material selecionado, que será analisado sistematicamente, conforme orientação obtida nos objetivos do estudo. Em seguida, o leitor pode passar para uma segunda leitura (ALVES, 2003).

Leitura para apreensão do conteúdo

Nesta segunda leitura o pesquisador deve ler com bastante atenção o material selecionado, fazendo frequentes reflexões acerca do conteúdo abordado no documento, o que alguns autores chamam de conversa do leitor com o autor do texto. Nesse diálogo, é interessante que o leitor seja provocado, como se o autor tivesse a pretensão de levar o leitor à reflexão. Usando as palavras de Parra Filho e Santos (2003, p.31):

Sendo uma leitura muito fácil, ou seja, estando o leitor e autor no mesmo nível de conhecimento, nada será acrescentado ao leitor. São as leituras difíceis que realmente acrescentam algo; daí a necessidade de grande reflexão sobre o texto. Como o leitor vai 'conversar' com o autor, é importante que ele esteja munido de um lápis para fazer todas as anotações que considerar importante, de forma que leituras posteriores sejam sumamente simplificadas.

Caso o texto seja em suporte eletrônico, o leitor deve usar um recurso marcador de texto digital, ao invés de lápis e papel para fazer todas as anotações que forem de seu interesse. Isso vai diminuir consideravelmente seu esforço nas leituras subsequentes e garantir a qualidade

do seu trabalho. Porém, algumas regras devem ser observadas:

- O leitor deve sublinhar ou marcar as informações importantes em relação aos objetivos da pesquisa que pretende realizar.
- Quando o texto a ser marcado for longo, recomenda-se fazer uma linha vertical ao longo do mesmo. Isso também pode ser feito quando houver repetição de anotações já feitas anteriormente na obra lida.
- Marcar as margens com asteriscos quando surgirem afirmações importantes para o entendimento do texto. Podem ser marcadas com outros códigos, a critério do leitor, contanto que não abuse desse elemento, pois assim, estaria dificultando e não facilitando sua leitura posterior.

Leitura analítica

Nesta fase o leitor procede a uma leitura mais aprofundada e criteriosa do conteúdo abordado no texto que está lendo, denominada leitura analítica (PRESTES, 2016). Com este trabalho o pesquisador elege bases para ancorar sua pesquisa. Para a realização deste tipo de

leitura, se faz necessário observar e dar os seguintes passos metodológicos:

Primeiro - Fazer uma organização dos textos a serem lidos, em conformidade com os objetivos constantes do projeto de pesquisa, por conteúdos abordados, ou de acordo com o critério adotado pelo leitor;

Segundo - Escrever um parágrafo ou um pequeno texto sobre o tema ou ponto principal abordado pelo autor do texto que está sendo lido;

Terceiro - Explicar sucintamente como as partes componentes demonstram o todo do texto, e como essas partes estão articuladas e se harmonizam;

Quarto - Evidenciar a contribuição da obra quanto a: esclarecimento de dúvidas, solução de problemas e aquisição de conhecimentos específicos;

Quinto - Elaborar um parágrafo ou um pequeno texto, interpretando o conteúdo da obra lida;

Sexto - Selecionar no texto que está sendo lido o que contribui diretamente para a construção de seu trabalho, aquilo que lhe dá sustentação;

Sétimo - Apresentar o resultado da leitura: elaboração de uma resenha, observando as normas técnicas específicas, ou fazer fichamento, a partir do que foi lido.

FICHAMENTO

Considerando a leitura como a porta de entrada para o âmbito do conhecimento, é condição indispensável para a devida apreensão, compreensão, e construção ou atualização. Assim, todo projeto de pesquisa pressupõe a realização de leituras, que vão dando clareza ao pesquisador quanto ao objeto de estudo, quanto à elaboração da questão de pesquisa, quanto à definição dos objetivos e elaboração do referencial teórico. Isso implica na elaboração de fichas, uma forma de armazenamento do que o autor do projeto vai selecionando com as leituras.

A elaboração de fichas coloca à disposição do pesquisador uma série de informações coletadas nas leituras, que serão utilizadas na elaboração do projeto e na construção do relatório de sua pesquisa. Assim, apresentaremos neste texto alguns tipos de fichas, que consideramos importantes no processo de investigação científica, tais como: ficha de referências, ficha resumo, ficha de citação direta e ficha de citação indireta.

Ficha de referências

Nesta modalidade de ficha devem ser relacionadas todas as obras lidas, alinhadas à esquerda, iniciando pelos nome dos autores da obra, escritos em letras maiúsculas e em ordem alfabética, seguidos do título da obra, edição, local de sua publicação, editora e data da publicação, observando as normas vigentes da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), exemplos:

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**: Do planejamento aos textos, da escola à academia. 5 ed. Catanduva (SP): Editora Respel, 2016.

LIMA, Carlos Bezerra de. **História da enfermagem**: No mundo, no Brasil e na Paraíba. João Pessoa: Carlos Bezerra de Lima, 2015. *Observação: Esta referencia é a primeira edição, que pode deixar de ser citada.*

PARRA FILHO, D.; SANTOS, J.A. **Apresentação de trabalhos científicos**: monografia, TCC, teses e dissertações. 9 ed. São Paulo: Futura, 2003.

Ficha resumo

Esta ficha deve conter um pequeno texto construído pelo leitor, cuja elaboração deve ser feita considerando-se que:

- O objetivo do resumo é a captação da ideia maior do texto, daquilo que o autor considera como ponto central e que será fundamental para o pesquisador.
- O pesquisador deve apresentar as ideias que selecionou nos textos lidos com suas próprias palavras, sem comprometer a ideia original, que é ou são do autor da obra. Exemplo:

O livro dispositivos norteadores da prática da enfermagem, de autoria de LIMA, Carlos Bezerra de, apresenta um conteúdo de significativa importância para a formação de estudantes e para a prática dos profissionais de enfermagem.

Ficha de citação

Antes de iniciar uma pesquisa seu autor ou seus autores precisam elaborar um projeto, pois este é seu próprio protótipo, ou sua maquete, que alguns autores

definem como a construção lógica e racional de um processo de investigação (FACHIN, 1993).

De acordo com as normas da ABNT as citações podem ser diretas ou indiretas. A citação direta é a transcrição textual de parte da obra do autor consultado. A citação indireta é quando o pesquisador interpreta as ideias dos autores lidos e as apresenta com suas próprias palavras.

Ficha de Citação Direta

Este tipo de citação ocorre quando a mesma for cópia fiel do texto lido, sendo que, uma citação contendo até três linhas deve ser colocada com a mesma fonte e tamanho entre aspas dentro do parágrafo que está sendo escrito, informando o autor, ano de publicação da obra e a página do documento de onde foi retirada a citação, como os exemplos seguintes:

O fenômeno globalização tem modificado a convivência humana, pois, “a globalização nos campos econômico, social e político tem colocado em evidência inúmeros problemas até então desconhecidos ou restritos a determinados países” (PARRA FILHO, 2003, P. 13).

Em outros termos, a citação direta consta de ideias constantes da obra lida, ou seja, será reproduzido, integralmente, todo o conteúdo elaborado pelo autor da obra que está sendo lida e que for do interesse do leitor. Em obediência às normas da ABNT devem ser observadas as seguintes regras:

- Toda citação direta em até três linhas deve vir entre aspas em respeito à autoria da obra.
- Para facilitar sua localização na obra, toda citação deve vir acompanhada do autor de referência, do ano de sua publicação e do número da página de onde foi retirada. Exemplo: na literatura do atual contexto social, os estudiosos da psicologia do desenvolvimento afirmam que adolescência é tempo de descobertas. De fato, “ao mergulhar nesta fase de desenvolvimento, a criança percebe de repente certas mudanças em seu corpo, em sua voz e até mesmo em seus pensamentos” (SILVA; LIMA, 2005, P.26).
- Na citação direta os erros de grafia deverão ser mantidos para que a citação seja a reprodução fiel do texto. Neste caso o pesquisador pode

identifica o erro com, por exemplo, o termo *sic* entre parêntesis.

- Quando o pesquisador suprimir partes anteriores ou posteriores à citação, deve colocar reticência entre parêntesis (...) respectivamente antes e depois da citação. Exemplo: “(...) os estudiosos da psicologia do desenvolvimento de que adolescência é tempo de descobertas (...)”(SILVA; LIMA, 2005, P.26).
- Se no texto que está sendo citado houver já uma citação de outro autor, o pesquisador deve colocá-la entre aspas simples, para indicar que a ideia tem outro autor, que foi citado no texto lido.

Se a citação que está sendo feita contiver de quatro a mais linhas, o texto deve ser recuado em quatro centímetros à direita, escrito com fonte tamanho menor (11) e espaçamento simples (1,0), sempre introduzida no texto que está sendo elaborado, a exemplo da citação abaixo.

A resenha é um importante instrumento de comunicação do conhecimento, considerando-se que:

A resenha é por definição a apreciação de uma obra literária, ou de um texto, e tem como objetivo dar uma ideia quanto ao conteúdo de uma determinada obra. Ela é normalmente publicada em

periódicos cujo objetivo é difundir as ideias básicas contidas na obra” (PARRA FILHO, 2003 p. 39).

Ficha de Citação Indireta

Quando o texto for baseado na obra do autor consultado, trata-se de citação indireta. Neste caso o pesquisador necessariamente deve ser fiel às ideias que está se apropriando do texto lido, embora deva escrever as mesmas com suas próprias palavras. No final do parágrafo, colocar entre parêntese o nome do autor em letras maiúsculas, seguido do ano de publicação do documento.

Exemplo: O projeto de uma pesquisa possibilita uma visão antecipada de como será a investigação que o pesquisador pretende desenvolver (FACHIN 1993).

Há também outras formas de fazer uma citação indireta, sendo que em todas elas, as referências do autor citado, bem como o ano de publicação do documento são obrigatórias. Nessas formas, você pode iniciar o parágrafo usando termos como: Baseado em Prestes (2016); segundo Lima (2015); de acordo Costa (2001); conforme Parra Filho; Santos (2003); para Lima et al. (2017), entre outros), porém a forma mais eloquente é conforme o

exemplo apresentado no parágrafo anterior: O projeto de uma pesquisa permite uma visão antecipada de como será a investigação que o pesquisador vai desenvolver (FACHIN 1993). Esta forma de citação indireta passa segurança e firmeza do leitor/pesquisador acerca do conteúdo apresentado.

MÉTODO CIENTÍFICO

Método pode ser entendido como caminho para se chegar a determinado ponto, uma estratégia a ser usada para atingir determinado objetivo. Método científico está definido como um conjunto de procedimentos intelectuais e de natureza técnica, que são adotados para se atingir o conhecimento (GIL, 2009). Em outros termos, entendemos como método científico a determinação do modo ordenado e sistematizado de agir para obter o resultado esperado; a forma de desenvolver as ações para se chegar a determinado lugar; um modo de seguir para alcançar determinado objetivo.

Na literatura científica, este termo está definido como “um conjunto de etapas, ordenadamente dispostas, a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência, ou para alcançar determinado fim” (RAMPAZZO, 2002, p. 13). Sua aplicação neste estudo se dá, particularmente, no manejo e no trato do conhecimento humano no contexto da pesquisa científica.

O Método Científico surgiu como uma tentativa de organizar o pensamento para se chegar ao meio mais adequado de conhecer e controlar a natureza. Em sua

organização, o método científico contém as seguintes características ou elementos fundamentais:

Objetivo ou finalidade – preocupação em distinguir a característica comum ou as leis gerais que regulam certos eventos;

Função – aperfeiçoamento da relação entre o ser humano e o mundo em que vive, por meio de um crescente acervo de conhecimentos;

Objeto – material – o que de modo geral, se pretende estudar, analisar, interpretar ou verificar; objeto formal – aquilo que se enfoca em especial, em função das diversas ciências que possuem o mesmo objeto material.

Trata-se, portanto, de um instrumento do conhecimento que proporciona aos pesquisadores, em qualquer área de formação, a orientação geral que facilita planejar uma pesquisa, elaborar sua questão norteadora, formular suas hipóteses, definir seus objetivos, determinar procedimentos e instrumentos para coleta, apresentação e análise de dados, bem como, coordenar investigações, realizar experiências e interpretar resultados.

O método é um elemento fundamental em qualquer investigação científica, necessariamente, integra a estrutura de um projeto de pesquisa, independente da mesma ser de natureza teórica ou empírica, de

abordagem quantitativa ou qualitativa. A elaboração de um projeto de pesquisa é indispensável, para determinar o rumo a ser tomado pelo processo de investigação, que não pode ser desviado da “lógica do agir”, para que os resultados da investigação possam chegar às conclusões esperadas.

Ressalte-se que, o projeto de pesquisa revela o que o pesquisador pretende realizar, e como elemento fundamental no projeto de pesquisa, o método visa explicar: “a lógica da ação a ser seguida pelo pesquisador, os principais fenômenos a serem estudados, suas ramificações, inter-relações e a forma de se obtê-los” (HÜBNER, 2004, P. 41).

Contudo, o método a ser utilizado pelo pesquisador não é um instrumento único para qualquer tipo de investigação, podendo variar de acordo com a categoria da pesquisa e com sua natureza. Sem a pretensão de querer esgotar o conteúdo inerente ao tema, mas com a finalidade de orientar o leitor quanto à escolha adequada do método para realizar sua proposta de pesquisa, vamos evidenciar quatro tipos de métodos indispensáveis à pesquisa científica, que de acordo com Prestes (2016) são eles: método da observação, método indutivo, método dedutivo, e método experimental.

MÉTODO DA OBSERVAÇÃO

Neste tipo de método, o pesquisador aplica atentamente os órgãos dos sentidos, visando ao conhecimento claro e preciso acerca do objeto de estudo, sendo que “a observação deve ser exata, completa, imparcial, sucessiva e metódica, pois constitui-se em um procedimento investigativo de extrema importância na ciência” (PRESTES, 2016, p. 35).

O método da observação constitui-se em uma modalidade de investigação de grande utilidade na produção do conhecimento científico, exigindo que a observação seja cuidadosamente realizada. Contudo, essa observação pode ser participativa ou não participativa.

No primeiro caso, o pesquisador participa de modo natural da situação que está investigando, sem que os demais sujeitos participantes percebam sua posição no grupo.

No segundo, o pesquisador permanece fora do contexto a ser estudado, não se envolve, nem interfere na posição dos sujeitos componentes do grupo.

Com fulcro na contribuição de Prestes (2016), dependendo de sua estruturação, a observação científica

pode ser: sistemática ou observação planejada, quando é estruturada e controlada de acordo com os objetivos e hipóteses do estudo; assistemática ou não estruturada é quando ela não tem controle previamente elaborado e nem instrumental apropriado.

Considerando-se o critério de participação do pesquisador, a observação pode ser: participante, quando o pesquisador participa da situação que está sendo estudada, sem que os demais indivíduos percebam sua posição, pois se incorpora ao grupo ou situação de forma natural; ou não participante, quando o pesquisador permanece fora do contexto a ser estudado. Tem papel de expectador e não se envolve na realidade que está sendo estudada.

A observação pode ser individual, quando apenas um pesquisador se faz presente no processo de observação, ou observação em equipe, quando mais de um pesquisador envolvem-se no processo de observação. Oportuno se faz ressaltar que:

A observação que cada pessoa faz no cotidiano de sua vida é muito influenciada por sua história de vida, seus valores e, de certa forma, influi na maneira de ler a realidade, privilegiando certos aspectos e negligenciando outros (ALVES, 2003, p.61).

A observação pode ser ainda denominada de observação de campo, quando a observação é feita no local em que ocorreu o fato ou é realizado o evento; ou denominada de observação em laboratório, quando as situações-problema podem ser criadas em laboratório para se observar a situação da variável experimental. Em ambas as situações:

O observador deve ter habilidades fundamentais para saber identificar detalhes relevantes e os desnecessários à pesquisa, saber fazer anotações e, além disso, preparar-se mentalmente para se concentrar durante a observação; demonstrar capacidade de comunicação verbal, não aceitando somente o que for verbalizado. É preciso captar o discurso do outro à luz dessas linguagens (ALVES, 2003, p.62).

MÉTODO INDUTIVO

O método indutivo foi originariamente concebido como a forma de se produzir conhecimento; entenda-se que, o conhecimento era tido como o resultado de experimentações contínuas e do aprofundamento do conhecimento empírico. No atual contexto social, o método indutivo consiste de uma abordagem, na qual, o pesquisador procura interferir na posição dos sujeitos

participantes do estudo, induzindo-os intencionalmente a uma pretendida situação. Em outros termos:

Método indutivo é aquele em que se utiliza a indução, processo mental em que, partindo-se de dados particulares, devidamente constatados, pode-se inferir uma verdade geral ou universal não contida nas partes examinadas (PRESTES, 2016, p.36).

Trata-se, portanto, de um processo mental que possibilita ao pesquisador partir de dados particulares para inferir uma verdade geral ou universal, que não estava explícita ou evidenciada nas partes por ele examinadas.

Este método pode ser definido como “o processo pelo qual o pesquisador, a partir de um levantamento baseado numa amostra do assunto, chega a determinadas conclusões de ordem geral” (PARRA FILHO, 2003, P. 22). Na lógica do desenvolvimento do raciocínio indutivo, a partir da observação de um fato (ou de alguns fatos), o pesquisador procura tirar conclusões gerais. Ou seja, o método indutivo está definido como sendo:

Um processo de raciocínio inverso ao processo dedutivo. Enquanto a dedução parte de enunciados mais gerais para chegar a conclusão particular ou menos geral, a indução caminha do registro de fatos singulares ou menos gerais para

chegar a conclusão desdobrada ou ampliada em enunciado mais geral (RUDIO, 2002, p.139).

Em outros termos, a lógica do método indutivo leva o pesquisador a proceder da seguinte forma:

Parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares. De acordo com o raciocínio indutivo, a generalização não deve ser buscada aprioristicamente, mas constatada a partir da observação de casos concretos suficientemente confirmadores dessa realidade (GIL, 2009, p. 28).

Neste tipo de método, o pesquisador investiga o objeto de estudo a partir de um levantamento fundamentado em uma amostra do universo, para tirar suas conclusões ou chegar a determinadas considerações de ordem geral ou universal acerca do problema investigado. Exemplo: Analisando o perfil populacional de 45 pessoas idosas, que participam de atividades de educação em saúde em uma Unidade Básica no Nordeste, o pesquisador chega à conclusão de que a educação em saúde é essencial para que o idoso tenha qualidade de vida.

MÉTODO DEDUTIVO

No nascedouro de sua concepção, o método dedutivo foi conceituado como aquele que possibilitaria a aquisição do conhecimento através da elaboração lógica de hipóteses e a busca de sua confirmação ou negação. Atualmente, o entendimento geral sobre tal procedimento é que método dedutivo é aquele em que o pesquisador parte de uma situação geral e tira conclusões particulares. Exemplos: Todo ser humano é mortal. Maria é um ser humano, logo, Maria morrerá um dia; Todo país rico é desenvolvido. A Alemanha é um país rico, logo, a Alemanha é um país desenvolvido. Em outros termos, o método dedutivo consiste em uma construção lógica, a partir de duas premissas, das quais, se retira uma terceira, denominada conclusão.

Exemplo nº 1: 1ª Premissa - Todo homem é mortal (premissa maior); 2ª Premissa - Maria é um ser humano (premissa menor); 3ª Premissa - Logo, Maria morrerá um dia (Conclusão).

Exemplo nº 2: 1ª Premissa - Todo país rico é desenvolvido; 2ª Premissa - A Alemanha é um país rico; 3ª Premissa - Logo, a Alemanha é um país desenvolvido.

Ao aplicar o método dedutivo, pode-se afirmar que “a racionalização ou a combinação de ideias em sentido interpretativo tem mais valor que a experimentação caso a caso”, ou seja, neste tipo de método se utiliza a dedução, pois o raciocínio segue do geral para o particular (PRESTES, 2016, P. 36).

MÉTODO EXPERIMENTAL

Como o próprio termo indica, este método é empregado quando o pesquisador pretende fazer experiência com determinada forma de investigar um objeto de estudo. Na verdade, trata-se de um conjunto de procedimentos que o investigador estabelece para comprovar ou não as hipóteses de seu estudo. Em sua prática, o método experimental consiste essencialmente em “submeter os objetos de estudo à influencia de certas variáveis, em condições controladas e conhecidas pelo investigador, para observar os resultados que a variável produz no objeto” (GIL, 2009, p.33)

O método experimental é utilizado em um tipo de estudo que envolve sempre uma situação de laboratório, na qual o processo investigativo é realizado com a finalidade de controlar variáveis e situações que possam

interferir nos resultados, tais como: calor, umidade, luz, produtos químicos, tempo e meio de cultura.

Na pesquisa em que se aplica este tipo de método, “as hipóteses, em geral, indicam uma relação de antecedência (variável dependente) entre os fenômenos [...] procura-se verificar se a relação existe mesmo e qual é a proporção de variável encontrada em tal relação” (PRESTES, 2016, p.36)

METODOLOGIA CIENTÍFICA

O termo metodologia vem do grego *methodos* que significa organização, sistematização, que acrescido do termo *logos*, que significa estudo, tem o significado de estudo sistemático. Este termo está definido no dicionário da língua portuguesa como: Ciência, estudo dos métodos; Ciência filosófica que estuda os métodos do raciocínio (ROCHA, 2001).

Em outras palavras, a metodologia aplicada em um estudo científico tem por finalidade sistematizar o processo de seu desenvolvimento. Esta sistematização contribui para a organização do estudo em partes específicas, procurando estabelecer uma ordem lógica em seu desenvolvimento, cujo texto seja elaborado e apresentado sob o rigor científico. Isso leva a promover economia de tempo e de material na realização da pesquisa.

Metodologia científica é, portanto, “aquela disciplina que ensina o ‘caminho’, quer dizer, as normas técnicas que devem ser seguidas na pesquisa científica” (RAMPAZZO, 2002, p.13). Com apoio nas concepções de Minayo (2002), a metodologia estabelece o rumo do pensamento naquele que investiga e orienta a prática a

ser exercida para explorar a realidade. Ou seja, a Metodologia Científica não deve ser vista apenas como uma disciplina cuja ênfase é o ensino de métodos e técnicas de como planejar, conduzir e apresentar uma pesquisa científica, mas sim, “uma disciplina que elucida o que vem a ser essas técnicas, quais os métodos da ciência que atendem e em que bases epistemológicas se encontram fundamentadas” (TEIXEIRA, 1999, p. 15).

Oportuno se faz evidenciar que, em sentido amplo do termo, ciência pode abranger o conhecimento de qualquer tipo de saber. No entanto, em sentido estrito do termo, a ciência refere-se ao conhecimento que “apreende ou registra os fatos, demonstrando-os por suas causas constitutivas ou determinantes” (PRESTES, 2016, p. 36).

Sob esse mesmo entendimento, as ciências fundamentam-se em três elementos distintos:

Objetivo ou finalidade – com a pretensão de distinguir as características comuns, ou as leis que regulam certos eventos;

Função – que visa ao aperfeiçoamento da relação entre o ser humano e meio ambiente em que o mesmo vive, mediante um crescente acervo de conhecimentos;

Objeto – nos aspectos material e formal – material abrangendo aquilo que se pretende estudar de um modo geral, e formal aquilo que se pretende focar de modo especial, considerando as diferentes áreas da ciência que apresentam o mesmo objeto material (LAKATOS; MARCONI, 2001).

O conhecimento científico é construído sistematicamente, passando necessariamente pela organização de um processo, que estabelece passos metodológicos. Tem por característica fundamental sua construção contínua, que é realizada mediante rigor metodológico e ao final, com os resultados da investigação, o pesquisador produz um texto que é veiculado na academia e meios de comunicação social. Esse texto deve ser elaborado com clareza, objetividade, praticidade e comprovação.

A comunicação do conhecimento científico é feita textualmente, de forma impressa ou eletrônica, nas modalidades de relatório de pesquisa, artigo científico, ensaio, trabalho de conclusão de curso, livro entre outros. Nesta abordagem nós vamos apresentar o conhecimento científico em algumas formas de apresentação de acordo com as Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), tais como:

Relatório de Pesquisa ou relatório técnico científico - Termo atribuído a um texto que foi elaborado pelo autor de uma pesquisa desenvolvida observando-se as exigências científicas, éticas e legais. Nesse texto, o pesquisador deve apresentar os resultados da investigação, que foi orientada por um projeto de pesquisa e foi desenvolvida observando o rigor metodológico.

Conforme determinação na NBR 10.719 (2009), relatório de pesquisa é um “documento que descreve formalmente o progresso ou resultado de pesquisa científica e/ou técnica”. Este tipo de relatório constitui um documento, no qual “se relatam formalmente os resultados ou progressos alcançados em uma pesquisa ou no qual se descreve a situação em que se encontra uma questão técnica ou científica de determinado órgão ou instituição” (PRESTES, 2016, p. 37);

Artigo Científico - um texto elaborado mediante o rigor metodológico e apresentado com autoria declarada. Sua apresentação “tem como objetivo publicar resultados de um estudo. Essa publicação é feita geralmente em revistas especializadas, podendo servir para a contestação, a refutação ou a apresentação de outra solução para alguma situação que tenha gerado

controvérsia” (PRESTES, 2016, p. 41). Nele são apresentados e discutidos resultados, ideias, métodos, técnicas e processos produzidos em uma determinada pesquisa científica realizada nas diversas áreas do conhecimento.

O artigo científico pode ser classificado como artigo de revisão, a modalidade de estudo em que se “parte de uma publicação que resume, analisa e discute informações já publicadas”. Nele, os autores se propõem a discussão e análise de trabalhos já publicados, contendo a síntese de ideias e posicionamentos dos autores lidos, com apresentação e discussão dos achados. O artigo científico também pode ser classificado como de produção original, quando seus autores analisam e discutem dados ainda não publicados, aquele que “parte de uma publicação que apresenta temas e abordagens originais” (NBR 6022 (2003));

Ensaio – uma modalidade de texto elaborado com a finalidade de expor ideias, críticas e reflexões filosóficas e éticas acerca de determinado tema, sem maiores exigências formais e metodológicas. Consiste também na livre defesa de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um determinado objeto de estudo: humanístico,

filosófico, político, social, cultural, moral, comportamental, literário, religioso, entre outros;

Trabalho de Conclusão de Curso - um texto elaborado com a finalidade de cumprir determinações institucionais exigidas para emitir diplomas de Graduação, Especialização, Mestrado e Doutorado. O trabalho de conclusão de curso é ordinariamente conhecido como TCC, definido na NBR 14724 (2011) como documento que apresenta o resultado de estudo, devendo expressar conhecimentos do assunto escolhido, que deve ser obrigatoriamente emanado da disciplina, módulo, estudo independente, curso, programa, e outros ministrados. Deve ser feito sob a coordenação de um orientador.

O texto elaborado consiste de uma monografia e deve representar o resultado do estudo, devendo expressar conhecimento acerca da temática abordada na disciplina, módulo, estudo independente, programa e outros ministrados ao longo do curso, ou ser uma temática emergente de outras experiências vivenciadas ao longo da vida. A NBR 6023 (2002) define monografia como “item não seriado, item completo, constituído de uma só parte, ou que se pretende completar em um número preestabelecido de partes separadas”.

Livro – O termo livro origina-se na língua latina *liber*, significa um texto apresentado em um conjunto de folhas de papel ou de qualquer outro material semelhante que, uma vez encadernadas, formam um volume. De um modo geral, a palavra livro designa qualquer obra literária, científica ou de outro tipo, que apresente extensão necessária para formar um volume.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. (UNESCO), um livro deve conter pelo menos cinquenta (50) folhas. Com menos folha que isso, é considerado um folheto. Convém destacar que, na linguagem oral, o termo livro é empregado com outros significados.

Os denominados livros digitais (os e-books) que, em vez de folhas, têm arquivos eletrônicos para ler utilizando-se um computador ou qualquer dispositivo eletrônico específico; os livros áudio (o registo em áudio), para que o livro seja acessível às pessoas desprovidas da capacidade visual, por exemplo.

Além disso, o conceito de livro designa alguns significados específicos, como: livro de bolso, cujas dimensões e valores de custo são reduzidos, portanto, mais econômicos; Nas repartições, o livro de pondo serve para os funcionários registrarem a frequência dos

funcionários diariamente; Por fim, diz-se que alguém “é um livro aberto” em sentido figurado, referindo-se a uma pessoa franca, transparente, detentora de grande sabedoria.

PESQUISA CIENTÍFICA

O interesse e a curiosidade levam o pesquisador a investigar a realidade sob os mais diversificados aspectos e diferentes dimensões. Assim, em sentido amplo do termo, pesquisa é um conjunto de atividades que visam à busca de um determinado conhecimento. Cada abordagem metodológica demanda técnicas, instrumentos e enfoques específicos. Para que a pesquisa seja qualificada como científica:

Deve ser feita de modo sistematizado, utilizando para isso método próprio e técnicas específicas e procurando um conhecimento que se refira à realidade empírica. Tais características distinguem a pesquisa científica das demais modalidades de investigação pelo método e técnicas utilizados, por estar voltada para a realidade empírica e pela forma de comunicar o conhecimento obtido (RUDIO, 2003, P. 9).

O supracitado autor afirma que o termo 'realidade' é usado com o significado de tudo o que existe, aquilo que não é mera possibilidade, imaginação ou idealização, e o termo 'empírica' refere-se à experiência. Assim, realidade empírica é tudo o que existe e pode ser conhecido pela experiência. Quando a realidade empírica se torna objeto de pesquisa científica, é a utilização do

método próprio que vai permitir ao pesquisador apreender, compreender e construir o conhecimento.

Fundamentado nas palavras de Ruiz (2002, p.48):

Pesquisa científica é a realização concreta de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia consagradas pela ciência. É o método de abordagem de um problema em estudo que caracteriza o aspecto científico de uma pesquisa.

Essa característica possibilita classificar a pesquisa científica em diferentes categorias ou tipos de estudo. A título de informação, apresentamos a seguir alguns tipos de pesquisa, categorizados a partir dos objetivos que se pretendem perscrutar tais como: Pesquisa bibliográfica, pesquisa exploratória, pesquisa descritiva, pesquisa documental, pesquisa quantitativa, pesquisa qualitativa, pesquisa de campo, pesquisa participante e estudo de caso.

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa bibliográfica está definida como “a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informação escrita orientada pelo objetivo explícito de

coletar materiais mais genéricos ou mais específicos a respeito de um tema” (LIMA, 2004, p. 38)

O estudo denominado pesquisa bibliográfica diz respeito ao conjunto de conhecimentos humanos reunidos em obras publicadas. Tem como princípio fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e à apreensão, armazenamento, produção, reprodução, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa (FECHIN, 1993).

A pesquisa bibliográfica “procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em livros, periódicos e outros meios de publicação”. A pesquisa bibliográfica pode ser realizada independentemente, ou seja, ela pode encerrar em si os propósitos da investigação, ou pode fazer parte de outros tipos de pesquisas, nas quais, subsidia a elaboração do referencial teórico, que vai embasar cientificamente a pesquisa que está sendo realizada (RAMPAZZO, 2002, p. 53).

A pesquisa de qualquer natureza, realizada em qualquer área do conhecimento pressupõe a realização da pesquisa bibliográfica, que possibilita ao pesquisador conhecer o conhecimento já consolidado e reconhecido acerca do objeto de estudo que o mesmo pretende

investigar. Além disso, ela vai conferir o caráter científico do estudo. Ela serve para elaborar o referencial teórico, suporte para a análise e discussão dos achados de uma investigação científica.

Alguns critérios ajudarão o pesquisador a selecionar nos acervos (bibliotecas físicas e virtuais) o material que precisa para realizar sua pesquisa. Entre esses critérios, estão: A questão da pesquisa, os objetivos do estudo, os autores renomados na área do estudo a ser desenvolvido, os textos publicados nos últimos três, ou no máximo, cinco anos, textos originais e não traduções, entre outros, a critério do pesquisador.

PESQUISA EXPLORATÓRIA

Este tipo de pesquisa é realizado com a finalidade primordial de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. A pesquisa exploratória é desenvolvida com “o objetivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato ou evento” (GIL, 1991, p.44). Sua realização se dá especialmente quando se trata de um tema pouco explorado e torna-se difícil

sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

PESQUISA DESCRITIVA

Este é o tipo de investigação no qual o pesquisador observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis), sem manipulá-los; estuda fatos e fenômenos do mundo físico, especialmente, do mundo humano, sem a interferência do pesquisador (RAMPAZZO, 2002).

Trata-se de uma abordagem apropriada mais para a elaboração de dissertações e teses. Em sua realização buscam-se freqüências das variáveis, suas naturezas, características, causas, relações e associações entre variáveis (MARTINS, 1992). Este tipo de pesquisa tem “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 1995, p. 45).

PESQUISA DOCUMENTAL

Uma pesquisa é denominada documental quando procura os documentos de fonte primária, a saber, os “dados primários” provenientes de órgãos públicos e privados, que realizaram as observações. É parte integrante de qualquer pesquisa sistemática e procede ou acompanha os trabalhos de campo. Ela pode ser um aspecto dominante em trabalhos que visem mostrar a situação atual de um assunto determinado ou intentem traçar a evolução histórica de um problema.

Constitui, portanto, significativa etapa para a reunião de conhecimentos produzidos e para eleger os instrumentos necessários ao estudo de um problema relevante e atual, sem, contudo, incidir em questões já resolvidas, ou trilhar percursos já realizados sem apresentar uma nova contribuição (CHIZZOTTI, 1991).

PESQUISA DE CAMPO

Tem como atenção fundamental a observação do ambiente onde é detectado um fato social (problema), que a princípio passa a ser examinado e, posteriormente, encaminhado para explicações através dos métodos e

das técnicas específicas de investigação. A pesquisa de campo trabalha com observação dos fatos sociais colhidos do ambiente natural; são formas de um problema meramente observado, sem qualquer interferência, apresentado simplesmente como ele se sucede em determinada sociedade (FECHIN, 1993).

Quanto à abordagem de análise dos resultados, a pesquisa pode ser do tipo quantitativo ou qualitativo.

PESQUISA QUANTITATIVA

Este tipo de pesquisa é desenvolvido aplicando métodos matemáticos e estatísticos na análise de dados numéricos. Envolve a coleta sistemática de informações numéricas, normalmente mediante condições de rigoroso controle. Os dados são apresentados em quadros e tabelas com frequência e percentuais, além da análise dessas informações ser realizada mediante a utilização de procedimentos estatísticos (POLIT; HUNGLER, 1995).

PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa qualitativa, também conhecida como naturalística envolve a obtenção de dados descritivos,

obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (LUDK; ANDRÉ, 1986). Este tipo de pesquisa procura responder a questões particulares, e se preocupa nas ciências sociais com elementos da realidade que não podem ser quantificados.

Em outros termos, a pesquisa qualitativa “trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (NINAYO, 2002, p.21-22). Isso corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, portanto, não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

PESQUISA PARTICIPANTE

Esta é uma pesquisa que se realiza com a finalidade de incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior. Na pesquisa participante todas as pessoas nela envolvidas, de certa forma, são autores, pois são pesquisadores, sujeitos da pesquisa.

A realização da pesquisa participante parte do princípio de que é preciso aproximar-se das bases da

sociedade não apenas com o objetivo de entender sua própria versão de sua ciência prática e expressão cultural, mas também para procurar formas de incorporá-la às necessidades coletivas mais gerais, sem ocasionar a perda de sua identidade e seu teor específico (BRANDÃO, 1999).

PESQUISA ESTUDO DE CASO

Esta é uma pesquisa que se realiza com a finalidade de caracterizar uma área abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados que podem ser de um caso particular ou de vários casos. Sua implementação visa “organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora” (CHIZZOTI, 1991, p.102).

OPERACIONALIZANDO A PESQUISA CIENTÍFICA

Em sentido amplo do termo, pesquisa implica em um conjunto de atividades realizadas com a finalidade de descobrir novos conhecimentos ou informações, independente da área e do nível em que o objeto de estudo se coloque. De modo particular para atender aos propósitos deste texto, o conceito abordado será o de pesquisa científica, pois se trata de investigação feita com a finalidade de obter conhecimento específico e estruturado a respeito de determinada temática ou conteúdo, “resultante da observação dos fatos, do registro de variáveis presumivelmente relevantes para futuras análises” (PRESTES, 2016, p.29).

Precisamente, uma pesquisa é considerada científica quando ela é desenvolvida observando determinadas condições: 1 - operacionaliza um projeto previamente elaborado de forma que possa ser reconhecível e identificável por quem possa ter interesse; 2 - o estudo prevê acrescentar algo ao conhecimento que já foi reconhecido; 3 – visa ser útil como fonte de pesquisa; 4 - apresenta elementos que permitam a verificação e a constatação das hipóteses apresentadas,

visando a sua continuidade (PARRA FILHO; SANTOS, 2003).

A elaboração de um estudo científico demanda de seu autor um processo de trabalho intenso. Nesse processo, o pesquisador busca resolver um problema ainda não resolvido, ou responder a questões ainda não respondidas, ou preencher lacunas em um determinado conteúdo, exigindo que se faça uma verdadeira “garimpagem” intelectual.

A realização dessa atividade exige o desenvolvimento de um processo de investigação. Sob esta perspectiva, Rampazzo (2002, p. 49) conceitua pesquisa como sendo um “procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico que permite descobrir novos fatos ou dados, soluções ou leis, em qualquer área do conhecimento”.

A investigação científica constitui a atividade básica da ciência na indagação e construção da realidade, pois é (...) “a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo” (MINAYO, 2002, p.17). Dessa forma, a pesquisa é uma atividade voltada para a solução de problemas por meio dos processos do método científico, sendo método compreendido como o

conjunto de técnicas ou procedimentos utilizados na investigação científica.

Há várias formas de se realizar uma investigação, assim, a pesquisa é classificada como científica quando atende a determinados critérios, sendo que os objetivos devem ser previamente definidos, para que possam ser reconhecíveis e identificáveis pelo leitor (PARRA FILHO, 2003). Ressalte-se que, a pesquisa científica é considerada como produto de uma investigação, realizada com o objetivo de solucionar problemas e sanar dúvidas, mediante a utilização de métodos e procedimentos científicos (BARROS; LEHFELD, 1991).

A investigação científica deve ser realizada a partir de um projeto de pesquisa, desenhado e redigido de acordo com as normas metodológicas vigentes no âmbito da investigação científica (RUIZ, 1993) a.

A atividade de pesquisa realiza-se através de um processo, envolvendo um conjunto de ações sequenciadas e orientadas para a busca de respostas a uma ou mais questões de pesquisa. Trata-se de um processo sistematizado, utilizando método próprio e obedecendo a determinadas regras específicas, independente de estar voltado para a realidade empírica

ou para a produção do conhecimento científico já consolidado.

Para a realização de uma pesquisa, a primeira decisão a ser tomada é a escolha criteriosa do tema a ser estudado, pois, o sucesso da mesma depende muito da importância atribuída ao tema pelos vários segmentos sociais. Antes de tomar a decisão quanto à escolha do tema:

É necessário fazer um levantamento preliminar das prováveis fontes de informação. É nessa fase que as dificuldades tornam-se evidentes, podendo inviabilizar o trabalho. Neste caso, o pesquisador deve escolher outro tema (PARRA FILHO, SANTOS, 2003, p. 26).

Há muitos caminhos para escolher um tema de pesquisa, porém, apontamos duas dimensões, específicas que são fundamentais na escolha de um tema de pesquisa, que são fatores internos e fatores externos.

Os fatores internos consistem dos motivos que se encontram implícitos na dimensão pessoal do investigador, em sua experiência vivencial, que são: a) afetividade, b) disponibilidade de tempo, c) capacidade para realizar a pesquisa.

- a) O pesquisador precisa ter afetividade ou alto grau de interesse pessoal em relação a um

tema. Para a realização de uma pesquisa é necessário haver um mínimo de identificação do pesquisador com o objeto de estudo. O pesquisador precisa sentir prazer, sentir satisfação na realização dessa atividade. A escolha do tema está vinculada, portanto, ao gosto pelo assunto a ser trabalhado, do contrário, o trabalho gera estresse, sofrimento e insatisfação.

- b) Tempo disponível para a realização do trabalho de pesquisa. Precisa ser levada em consideração a quantidade de atividades que a realização do trabalho exige e comparar com as demais atividades diárias não relacionadas à pesquisa. Este dimensionamento é indispensável para que o trabalho seja viável.
- c) Limites das capacidades do pesquisador em relação ao tema pretendido. Implica consciência de suas limitações, para que o pesquisador possa seguir com segurança ao longo do caminho percorrido na realização do estudo. Conhecimentos de outras áreas de estudo tornam-se mais difíceis para o pesquisador, pois

ele terá que aprender muito antes de iniciar sua pesquisa.

Os fatores externos consistem dos motivos que se encontram implícitos na dimensão ambiental em relação ao tema de estudo, motivos que emergem do contexto social em que está inserida a pessoa do investigador, são eles: a) significado atribuído ao tema, b) prazo para a conclusão do estudo, c) disponibilidade de fontes de informações e de materiais.

- a) Significação do tema escolhido, sua novidade, sua oportunidade, seus valores acadêmicos e sociais. Na escolha do tema deve ser tomado cuidado para não se eleger uma temática que não seja do interesse dos segmentos do contexto social. Necessário se faz que o trabalho tenha importância para pessoas, grupos e para a sociedade em geral.
- b) Limite de tempo disponível para a conclusão do trabalho. Quando a instituição determina um prazo para a entrega do relatório final da pesquisa, não se pode enveredar por assuntos que não dêem sustentação ao estudo ou que

não permitam sua conclusão no prazo determinado.

- c) Material de consulta e dados necessários ao pesquisador. A escolha de um tema implica disponibilidade de material (fontes secundarias) para consulta, para revisão de literatura. Na falta dessas fontes o pesquisador precisa buscar fontes primarias, necessitando de um tempo maior e mais experiência para a realização do estudo.

PROJETO DE PESQUISA

Um elemento indispensável na investigação científica é a elaboração de um projeto, como forma de prevê o tipo de estudo a ser realizado, o método a ser seguido e os recursos disponíveis para a realização dessa atividade. Isso implica a devida compreensão prévia das etapas a serem vencidas no processo de investigação. Assim, cabe interrogar o que é, realmente, um projeto de pesquisa?

Procurando responder a esta questão, pode-se afirmar que o projeto de pesquisa é um documento que apresenta a ideia central do pesquisador acerca do estudo que pretende realizar, com definição do objeto de estudo, detalhamento de métodos, instrumentos a serem utilizados na investigação, e procedimentos que o pesquisador pretende realizar. Sua estrutura contempla informações acerca dos dispositivos éticos e legais que serão observados na realização da pesquisa.

Poderíamos conceituar projeto de uma pesquisa como sendo seu próprio protótipo, ou sua maquete, que alguns autores definem como a construção lógica e racional de um processo de investigação, cujas etapas são estabelecidas pelo pesquisador, visando direcionar a

metodologia a ser aplicada no desenvolvimento da investigação (FACHIN, 1993).

Elaboramos um projeto de pesquisa para delinear um caminho a ser seguido quando vamos realizar uma pesquisa, para mapear o caminho a ser seguido pelo pesquisador durante a investigação, buscando, assim, evitar imprevistos durante a realização da pesquisa que poderiam dificultar e até mesmo inviabilizar sua realização (MINAYO, 2002). Com isso, vamos evitar imprevistos no decorrer da pesquisa que poderiam comprometer seus resultados, ou demandar gastos desnecessários de tempo, material e dinheiro.

Em outros termos, a elaboração do projeto dá ao pesquisador “a oportunidade de conciliar os mais diferentes elementos que cercam uma pesquisa científica e, ao mesmo tempo, torna possível a identificação de prováveis obstáculos no transcorrer dessa investigação” (PARRA FILHO; SANTOS, 2003, p. 58).

O projeto de pesquisa visa indicar para o pesquisador os rumos do estudo, em termos do que pesquisar, com quem, onde, como e quanto tempo vai demandar a realização da pesquisa. Serve, inclusive, para viabilizar sua comunicação à comunidade acadêmica, aos sujeitos participantes do estudo, para solicitar autorização

do gestor institucional para coletar os dados e para o cadastramento do projeto na Plataforma Brasil, em caso de pesquisa envolvendo seres humanos, o que está disciplinado na resolução nº 466/12/12/2012, do Conselho Nacional de Saúde, visando sua aprovação em um Comitê de Ética.

ESTRUTURA DE UM PROJETO DE PESQUISA

DETERMINAÇÃO DO TEMA

Conforme já foi abordado neste texto, o primeiro elemento para a elaboração de um projeto de pesquisa é a escolha do tema. Este é o ponto inicial de toda a investigação científica. A escolha do tema indica uma área de interesse a ser investigada. Pode emergir de qualquer assunto que necessite explicações, resolução de problemas ou eliminação de dúvidas, bem como, que possibilite novas formas de abordagem, maiores aprofundamentos, principalmente quando emerge da realidade do pesquisador.

Trata-se de uma área ainda ampla, abrangente, a exemplo de temas como: gravidez na adolescência, discriminação do indivíduo com necessidades especiais, uso de drogas ilícitas. Estes são temas que carecem de contribuições, de solução ou explicação. Para facilitar o trabalho de investigação, sugerimos que ao escolher o tema, o pesquisador procure observar fatores internos e fatores externos para tomar sua decisão.

Como fatores internos, sugerimos: considerar sua afetividade ou alto grau de interesse pessoal pelo tema;

tempo e recursos disponíveis para realizar a pesquisa; limite de sua capacidade para a realização do estudo pretendido.

Sugerimos igualmente ao pesquisador, que procure observar também fatores externos como: significação do tema escolhido; expectativa da contribuição do estudo; prazo para a conclusão da pesquisa; e disponibilidade de fontes de informações.

A definição do tema é o ponto inicial da investigação científica, indica uma área de interesse a ser investigada, a exemplo de: a) Acidentes no trânsito; b) Acidentes envolvendo condutores alcoolizados; c) Auditoria em serviços de saúde; d) Atendimento pré-hospitalar em acidentes automobilísticos; e) Acidentes provocados por animais peçonhentos.

O processo de desenvolvimento de uma pesquisa científica exige leitura constante acerca do conhecimento inerente ao tema de estudo, para resgatar o que já foi publicado acerca do tema, possibilitando ao pesquisador melhor clareza e objetividade quanto à elaboração do objeto de estudo e fundamentação do processo de investigação que pretende desenvolver.

Para realizar esta tarefa, é necessário que o pesquisador tenha conhecimento das técnicas de

levantamento e armazenamento de informações. A aplicação de forma rigorosa dessas técnicas possibilita a organização de referências básicas para fundamentação da pesquisa, objetividade no desenvolvimento do processo investigativo, economia de tempo e recursos.

TITULO DO PROJETO

Após a definição do tema, que é uma área de conhecimento de onde surge a questão da pesquisa ou a questão norteadora, o pesquisador faz algumas leituras, na tentativa de definir o título do estudo. Caso esta definição não seja possível de início com precisão e clareza, o projeto pode ser elaborado a partir do tema, ficando o título para o momento oportuno.

O título de um estudo científico deve ser escrito com poucas palavras, na forma afirmativa ou não, contudo, deve passar a ideia clara e precisa do que seu autor pretende investigar. Porém, o título deve expressar tão somente o objeto de estudo.

A sugestão que damos é que no título não apareça nenhum termo que integre o capítulo da metodologia, tais como: tipo de estudo, população e amostra, métodos a serem utilizados, local onde a pesquisa vai ser realizada e

período de sua realização. Esses elementos precisam constar necessariamente do capítulo da metodologia.

No título devem ser ainda evitados modismos, redundâncias, abreviações, siglas, bem como, iniciar o título usando artigo definido ou indefinido, salvo quando for necessário para facilitar a compreensão de seu significado.

A seguir são apresentados alguns exemplos de títulos, visando a ajudar o pesquisador nessa tarefa:

- a) Impacto da Hipertensão arterial na gestação;**
- b) Diabetes mellitus e senilidade;**
- c) Transporte de pessoas com fraturas expostas.**

O título de uma pesquisa pode ser seguido de subtítulo, com a finalidade de delimitar ou especificar melhor o que se pretende estudar. Tomando-se o primeiro exemplo acima citado (a), pode-se adicionar o seguinte subtítulo **Hipertensão arterial na gestação**: Implicações para a saúde de mãe e filho. Observe-se que o título está em negrito e o subtítulo sem negrito.

Tomando-se o segundo exemplo citado no item (b), pode-se adicionar o seguinte subtítulo **Diabetes mellitus**

na senilidade: Comportamento de risco e promoção da qualidade de vida.

Tomando-se o terceiro exemplo (c), pode-se adicionar o seguinte subtítulo **Fraturas expostas:** manuseio e transporte da pessoa acidentada.

INTRODUÇÃO

A introdução é um capítulo do projeto em que seu autor deve contextualizar o tema do estudo no tempo e no espaço, visando passar para o leitor os principais elementos que serviram de motivação para a escolha do assunto, e situar o leitor no contexto da pesquisa a ser desenvolvida. Neste espaço, o autor deve apresentar a questão de pesquisa, o objeto de estudo; a hipótese, a justificativa e os objetivos.

A questão da pesquisa

A pesquisa científica parte de uma questão (um problema) e seu desenvolvimento tem como finalidade buscar a solução para o mesmo. Por isso, a questão da pesquisa é conhecida também como questão norteadora. Na tentativa de responder à questão norteadora **o que**

pesquisar, o autor do projeto escreve um parágrafo contendo a definição do problema da investigação, que habitualmente é apresentado em forma de questão ou de questões. Ou pode ser apresentado textual, delineando o que precisa ser explicado ou resolvido com o estudo, observando-se as regras da lógica e de outros meios de que se dispõe (RUDIO, 2003).

Ao formularmos perguntas acerca do tema, ou do assunto proposto a ser pesquisado, e a elas damos respostas, estaremos construindo a problematização desse tema. Estaremos fazendo um recorte mais preciso sobre o assunto proposto, ou seja, estaremos fazendo a definição do problema ou objeto do estudo. Estaremos descrevendo o problema, especulando sobre seu campo de observação em relação a algumas variáveis.

Para este procedimento, se faz necessário um levantamento de fontes secundárias (publicações) sobre a temática selecionada, partindo do conhecimento genérico até chegar a uma particularidade que seja de interesse do pesquisador investigar. Como fazer o levantamento bibliográfico? Primeiro é conveniente conversar com outras pessoas, observando e refletindo acerca de como elas vêem essa questão. Em seguida, procurar o setor de informação e documentação da biblioteca, consultar livros

e textos da área de interesse, dissertações e teses que abordem o assunto, artigos publicados em periódicos impressos e disponíveis na Internet. Esta fase se dá mediante uma leitura informativa, preliminar, superficial, embora seletiva.

A questão de pesquisa orienta o pesquisador quanto a resolver uma dificuldade teórica ou prática no conhecimento de algum tema de real importância para o qual se deve encontrar uma solução. Ao delimitar o problema o pesquisador deve analisar o mesmo quanto a sua viabilidade e relevância. Não adiante definir um tema de pesquisa, cuja realização não é viável, ou demandaria investimentos que não estão ao alcance do pesquisador.

Gil (2009, p. 54) propõe que a delimitação do problema, por sua vez, conduz o pesquisador a condições tais como:

O problema deve ser concreto e estar formulado como uma pergunta. Esta maneira parece ser a mais fácil para se formular um problema, além do que facilita sua identificação por quem consulta o projeto de pesquisa;

Deve ter clareza e precisão na sua apresentação. Uma questão que não fique clara ao entendimento do leitor e que seja imprecisa quanto ao seu conteúdo, provavelmente não se obteria respostas satisfatórias para a mesma;

Deve ser delineado a uma dimensão viável. Atentar para que o problema não seja delineado de maneira muito ampla, impossível de ser investigado;

Deve apresentar fenômenos observáveis possíveis de verificação empírica;

Deve apresentar certa originalidade.

Tomando-se como exemplo - **Hipertensão arterial na gestação**: Implicações para a saúde de mãe e filho-, uma possível questão norteadora seria: Qual o impacto da hipertensão arterial na gestação?

Tomando-se como exemplo - **Diabetes mellitus na senilidade**: Comportamento de risco e promoção da qualidade de vida-, uma possível questão norteadora seria: Como conviver com diabetes na senilidade, com qualidade de vida?

Tomando-se como exemplo - **Fraturas expostas**: manuseio e transporte da pessoa acidentada, uma possível questão norteadora seria: Como cuidar de uma pessoa acidentada, com fraturas expostas, no atendimento pré-hospitalar, para prevenir complicações?

Caso seja do interesse do pesquisador, ao invés de elaborar uma questão, ele pode elaborar um ou mais parágrafos, evidenciando claramente sua intensão de encontrar explicação para o referido fenômeno.

Objeto do estudo

Este é um elemento essencial na elaboração de um projeto de pesquisa científica, pois evidencia o fenômeno e a necessidade de explicá-lo, de apresentar soluções, de sugerir medidas preventivas, entre outras. Tomando-se o exemplo (a) dos temas acima citados, o texto do objeto de estudo pode ser: No atual contexto social brasileiro está ocorrendo altos índices de acidentes graves no trânsito, com mortes e comprometimento da saúde e qualidade de vida de suas vítimas, apesar das medidas preventivas.

Da parte da indústria automobilística, os veículos têm sido aperfeiçoados, com equipamentos de segurança; da parte dos gestores, as estradas foram consideravelmente aperfeiçoadas, o código de trânsito tem sido atualizado e o policiamento rodoviário aperfeiçoado e intensificado nas estradas brasileiras.

Tomando-se o exemplo (b) dos temas acima citados - Acidentes envolvendo condutores alcoolizados-, o texto do objeto de estudo pode ser: No atual contexto social brasileiro vem ocorrendo, com grande frequência, altos índices de acidentes graves no trânsito, envolvendo condutores alcoolizados. Este tipo de acidente tem causado graves prejuízos para os condutores, para as

pessoas que estavam com eles por ocasião do sinistro, para seus familiares e para a sociedade de modo geral, apesar da instituição da Lei Seca e da fiscalização nas estradas.

Tomando-se o exemplo (c) Fraturas expostas: manuseio e transporte da pessoa acidentada – a elaboração do texto do objeto de estudo pode conter elementos como - nos acidentes de trânsito frequentemente se encontram vítimas com fraturas expostas, exigindo cuidados especiais com a imobilização do membro ou região afetada. Este cuidado é de fundamental importância, para prevenir complicações, que podem acarretar morte ou perdas irreparáveis.

Justificativa

A justificativa em um projeto de pesquisa responde à questão: Por que ou para que pesquisar? No texto da justificativa, o pesquisador deve apresentar as razões que o levam a realizar a pesquisa, ou seja, deve evidenciar a relevância do estudo, citando os motivos que justificam a pesquisa, suas contribuições quanto à explicação, compreensão, intervenção ou solução para o problema do estudo (MINAYO, 2002).

A justificativa é um pequeno texto contendo um parágrafo, ou mais, centrado na questão **por que pesquisar?** A resposta a esta questão exige leituras e reflexões que ofereçam condições ao pesquisador para escrever um ou mais parágrafos, justificando a escolha do assunto a ser investigado. Nisto se evidencia a necessidade de conhecimento prévio acerca do objeto de estudo, a necessidade de afinidade ou interesse do autor pela investigação.

Na justificativa, o autor da pesquisa deve apresentar sua expectativa quanto à contribuição do estudo para com o conhecimento científico, subsidiando a realização de outros estudos, bem como, a elaboração de projetos de intervenção na realidade empírica, entre outros elementos que poderão ser adicionados na elaboração da justificativa.

Tomando-se o primeiro exemplo para proposta de pesquisa acima citado (a), **Hipertensão arterial na gestação**: Implicações para a saúde de mãe e filho, uma possível justificativa seria: A realização do presente estudo vai promover condições para o pesquisador confirmar ou negar sua hipótese e atingir os objetivos previamente elaborados para a realização da pesquisa. Sua realização vai possibilitar a elaboração de um texto

que será publicado em um periódico científico e, assim, subsidiará reflexões acerca da temática nele abordada e servirá de referências a outros estudos que poderão ser desenvolvidos nesta área de conhecimento.

Tomando-se o segundo exemplo (b), **Diabetes mellitus na senilidade**: Comportamento de risco e promoção da qualidade de vida, uma possível justificativa seria: A decisão por realizar esta pesquisa teve como fundamentos a problemática existente no atual contexto social, quando o indivíduo idoso se depara com diagnóstico de diabetes.

A diabetes é uma doença que exige mudança nos hábitos alimentares anteriores, especificamente quanto à ingestão de carboidratos, de açúcar e de bebidas alcoólicas. Exige, igualmente, mudança no estilo de vida, que são fatores de risco ao desenvolvimento de hipertensão arterial, insuficiência renal e outras complicações para a pessoa com diabetes.

A realização do presente estudo vai oferecer subsídios para melhor compreender a situação do idoso com diabetes, e assim, ajuda-lo a ter qualidade de vida, mesmo convivendo com diabetes. Vai oferecer subsídios para a elaboração de programas e estratégias de

educação em saúde, com foco na qualidade de vida do idoso com diabetes.

Tomando-se o terceiro exemplo (c), **Fraturas expostas**: manuseio e transporte da pessoa acidentada, uma possível justificativa seria: O desenvolvimento deste estudo ajudará seu autor a compreender mais e melhor a problemática que envolve o atendimento a uma pessoa acidentada com fraturas expostas.

Promoverá a elaboração de um texto que será publicado e circulará nos meios acadêmicos e assistenciais, especialmente nos serviços de urgência e emergência. Subsidiará discussões acerca de sua temática, promoverá reflexões e oferecerá contribuições a treinamentos, a realização de cursos de curta duração em atendimento pré-hospitalar e servirá de referências para a formação acadêmica e para o desenvolvimento de novos estudos nesta abordagem.

Hipóteses

Após delimitar o objeto do estudo, o pesquisador determina as hipóteses a serem confirmadas, ou não, visando a construir uma base teórica e conceitual que vai ajudar ao pesquisador em uma melhor compreensão da

temática abordada. Hipótese é uma suposição, uma afirmação categórica do pesquisador, a antecipação de uma possível solução para o problema levantado.

Ela é feita, na tentativa de explicar o que ainda se desconhece, sendo que “esta suposição tem por característica o fato de ser provisória, devendo, portanto, ser testada para se verificar sua validade” (RUDIO, 2003, p. 97).

O desenvolvimento da pesquisa irá confirmar ou negar a hipótese. Considerando que a hipótese é uma explicação provisória, a validade do estudo não será comprometida se for constatada a negação da hipótese, bem como, se a mesma for confirmada, o estudo continua inalterado em seu significado, em sua contribuição, pois a hipótese é uma opinião prévia do autor acerca da pesquisa, de fundamento incerto. Lembramos que o autor pode elaborar uma ou mais hipóteses para seu projeto.

Tomando-se o primeiro exemplo acima citado (a), **Hipertensão arterial na gestação**: Implicações para a saúde de mãe e filho, uma possível hipótese seria: A hipertensão arterial é um fator de alto risco para a mulher grávida e para o filho que está gestando.

Tomando-se o segundo exemplo (b) **Diabetes mellitus na senilidade**: Comportamento de risco e

promoção da qualidade de vida, uma possível hipótese seria: Mesmo convivendo com diabetes, o idoso pode ter qualidade de vida, desde que siga as devidas orientações.

O terceiro exemplo (c), **Fraturas expostas**: manuseio e transporte da pessoa acidentada, uma possível hipótese seria: O atendimento a uma pessoa acidentada com fraturas exposta sem os devidos cuidados, acarretará graves complicações.

Objetivos

A definição de objetivos para o desenvolvimento de um estudo científico é de fundamental importância. Particularmente na pesquisa científica, os objetivos determinam o ponto de convergência de todo o processo de investigação. O uso afirmar que os objetivos de um projeto são para o processo de desenvolvimento de uma pesquisa, semelhantes aos trilhos por onde se desloca a locomotiva. Sem os trilhos o trem não consegue chegar a seu destino. Assim, os objetivos orientam o desenvolvimento do processo de investigação, garantindo os resultados esperados.

Os objetivos de uma proposta de pesquisa procuram apontar possíveis respostas à questão

norteadora, ou seja, através deles, o pesquisador procura fazer uma previsão do que é pretendido alcançar com a realização da pesquisa proposta. Esses objetivos podem ser formulados em duas modalidades: Objetivo geral e objetivos específicos; ou simplesmente objetivos.

O objetivo geral de uma pesquisa deve apresentar uma visão ampla e abrangente sobre a temática que será abordada no estudo, deve conduzir o leitor a perceber o significado do tema definido para a realização do estudo. Na elaboração deste tipo de objetivo, o pesquisador deve utilizar verbos subjetivos, que sugiram significados abrangentes, que não exijam percentuais nos resultados da pesquisa. Podemos citar verbos como: Analisar, revisar, estudar, pensar, refletir.

Os objetivos específicos estão implícitos no objetivo geral, são derivados dele. Na redação dos objetivos específicos aparecem os conteúdos do estudo. O uso dizer que, os capítulos que aparecem no desenvolvimento da pesquisa são originados dos objetivos, ou seja, os objetivos específicos definem os capítulos dos achados da pesquisa.

Procurando respostas à questão norteadora: Qual a explicação para a ocorrência de tantos acidentes graves no trânsito? A primeira modalidade de objetivos será-

Objetivo geral: Estudar o fenômeno acidentes graves no trânsito do atual contexto social brasileiro. Objetivos específicos: Apresentar as características gerais dos acidentes no trânsito brasileiro; determinar os respectivos fatores causais; sugerir medidas de prevenção.

Na segunda modalidade, os objetivos poderão ser: Traçar o perfil epidemiológico dos acidentes no trânsito do atual contexto social brasileiro; Determinar medidas de prevenção a tais acidentes; sugerir formas de cumprimento, por parte da população alvo, dos dispositivos legais específicos do trânsito.

Tomando-se as questões norteadoras: Quais são os fatores determinantes de tantos acidentes no trânsito, envolvendo condutores alcoolizados? Que medidas devem ser apresentadas para a prevenção de tais acidentes? Os objetivos na primeira modalidade serão – objetivo geral: Analisar o fenômeno acidentes no trânsito envolvendo condutores alcoolizados, sob a perspectiva da prevenção desses acidentes. Os objetivos específicos poderão ser: Descrever as características gerais dos acidentes envolvendo condutores alcoolizados; evidenciar as implicações desses acidentes para a saúde e qualidade de vida de suas vítimas; Propor medidas preventivas a sua ocorrência. Na segunda modalidade, os

objetivos serão: Determinar a incidência dos acidentes nas estradas brasileiras envolvendo condutores sob o efeito do álcool; explicar as causas e consequências de tais acidentes; sugerir ações preventivas a esse tipo de acidente.

Tomando-se o exemplo para proposta de pesquisa citado neste texto - **Hipertensão arterial na gestação**: Implicações para a saúde de mãe e filho-, os objetivos na primeira modalidade poderiam ser: Objetivo Geral – analisar a interferência de hipertensão arterial na gestação, com foco de atenção na saúde e qualidade de vida da gestante e de seu concepto. Objetivos específicos: Descrever as características gerais de uma gestação; determinar os fatores de risco da hipertensão arterial na gestação; discutir elementos que possam contribuir para o desenvolvimento saudável da gestação, mesmo em caso de hipertensão arterial. Na segunda modalidade, seriam os seguintes objetivos: apresentar as concepções teóricas acerca de gestação e hipertensão; descrever os riscos da hipertensão na gravidez; determinar medidas preventivas de complicações para mãe e filho.

Tomando-se o exemplo - **Diabetes mellitus na senilidade**: Comportamento de risco e promoção da

qualidade de vida-, a primeira modalidade de objetivos será- Objetivo geral: Estudar o fenômeno diabetes mellitus na senilidade. Objetivos específicos: Apresentar as características gerais da terceira idade; descrever os riscos da diabetes para a pessoa idosa; justificar os benefícios de uma dieta adequada e exercícios regulares para um idoso com diabetes. Na segunda modalidade, os objetivos seriam: Traçar o perfil epidemiológico da diabetes mellitus; evidenciar os riscos de diabetes na terceira idade; propor medidas de prevenção a complicações da diabetes na terceira idade.

Tomando-se o exemplo - **Fraturas expostas**: manuseio e transporte da pessoa acidentada-, a primeira modalidade de objetivos seria: Objetivo geral – Analisar as implicações das fraturas expostas para o acidentado e para os socorristas. Objetivos específicos: Apresentar o significado de fratura exposta; determinar suas implicações para o manuseio e transporte da pessoa com este diagnóstico; elencar os cuidados que o profissional precisa ter no atendimento pré-hospitalar à pessoa com fraturas expostas. Na segunda modalidade, os objetivos seriam: Conceituar fratura exposta; descrever suas implicações para a vítima do acidente; discutir

procedimentos de manuseio e transporte da vítima, com foco na prevenção de complicações.

METODOLOGIA

O capítulo da metodologia apresenta o caminho através do qual o pesquisador vai seguir para realizar sua investigação. Este seguimento metodológico está definido por Minayo (2002, p.16) como “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Assim, o capítulo inerente à metodologia é elaborado procurando responder à questão norteadora da pesquisa.

Neste capítulo, o pesquisador define o tipo de pesquisa que pretende realizar, descreve em que consiste a pretensa investigação e apresenta o caminho através do qual vai seguir para realizar sua pesquisa. Informa o local onde a mesma deverá ser realizada, determina a população e amostra do estudo, descreve os procedimentos e instrumentos a serem utilizados para a coleta de dados, como esses dados serão analisados e discutidos.

Independente da categoria do estudo e de sua abordagem metodológica, toda pesquisa envolve uma população e/ou Amostra. Comumente fala-se de

população como referência ao total de habitantes de determinado lugar. Porém, em pesquisa, o termo é usado para delimitar um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características. Do universo da pesquisa retira-se a amostra, que por sua vez constitui um subconjunto da população a ser investigada (GIL, 2009). Este subconjunto integra a totalidade de objetos, sujeitos, ou membros do universo maior, apresentando as mesmas características.

A título de exemplo, colocamos um recorte tirado de uma monografia, como segue: A população do presente estudo constitui-se de enfermeiros que atuam nas equipes do Programa de Saúde da Família no Estado da Paraíba, atendendo a concepção de que população ou universo é um conjunto definido de elementos que apresentem características em comum.

A amostra foi constituída por quinze (15) enfermeiros que atuam nos supracitados municípios que compõem o VIII Núcleo Regional de Saúde, particularmente, os que se encontravam presentes às reuniões, por ocasião da coleta de dados, considerando que amostra é a menor representação de uma população (VAZIN; NERY, 1998). Para seleção da amostra, os

profissionais entrevistados obedeceram aos seguintes critérios de inclusão previamente estabelecidos:

- Atuar no Programa de Saúde da Família há no mínimo seis meses;
- Assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (TECLE), após ter sido esclarecida a finalidade da pesquisa, seus objetivos e métodos a serem utilizados, e ter sido garantido o sigilo dos dados de identificação do participante, bem como sua liberdade para recusar-se a participar da pesquisa, participar da mesma até sua conclusão ou mesmo abandoná-la a qualquer momento, sem prejuízo para o entrevistado;
- Estar disponível no momento da entrevista e aceitar de livre e espontânea vontade participar da pesquisa.

Em caso de pesquisa envolvendo seres humanos, deve constar do projeto a informação de que o mesmo foi cadastrado na Plataforma Brasil, para ser aprovado, ou não, por um Comitê de Ética em Pesquisa.

Exemplo:

Este é um estudo de revisão bibliográfica, desenvolvido mediante uma abordagem quantitativa,

termo utilizado para indicar um relatório escrito que resuma a situação dos conhecimentos sobre um problema de pesquisa, ou seja, atividade envolvida na busca de informações sobre um tópico e na elaboração de um quadro abrangente da situação daquelas informações.

Seu desenvolvimento contemplou fatores fisiopatológicos da doença bem como os fatores de risco, sinais e sintomas que indiquem a necessidade da assistência de enfermagem. Foi realizado na cidade de João Pessoa (PB), durante os meses de maio e junho de 2018. As palavras chave da pesquisa foram: acidente vascular encefálico, incidência, fatores de risco, idade produtiva.

O estudo teve como fontes secundárias de informações algumas referências relacionadas ao presente assunto, tais como livros disponíveis no acervo da Biblioteca da Universidade Federal da Paraíba, e artigos científicos disponíveis em bases de dados da Internet: Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), Portal CAPES, e literatura latino americana em ciências da saúde (LILACS).

TÉCNICAS E INSTRUMENTOS

Técnicas são procedimentos que se escolhem para realizar uma pesquisa e os instrumentos são os meios pelos quais a pesquisa de campo, ou a coleta dos dados é realizada. Um exemplo de instrumento é o questionário, composto por um determinado número de questões apresentadas por escrito aos pesquisados, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, entre outros elementos (GIL, 1991).

Outro tipo de instrumento utilizado para coleta de informações é o formulário, um dos instrumentos essenciais para a coleta de dados na investigação social, que consiste em obter informações diretamente do entrevistado, através do preenchimento do formulário.

Além do questionário e do formulário, outro instrumento frequentemente utilizado é roteiro de entrevista. Um instrumento elaborado com perguntas articuladas com os objetivos do estudo, preenchido pelo pesquisador durante a sua aplicação. A finalidade do roteiro de entrevista é orientar o pesquisador a entrevistar os sujeitos participantes da pesquisa.

A ENTREVISTA

Esta é uma técnica de coleta de dados em que o pesquisador se apresenta diante do sujeito participante do estudo e formula perguntas com o objetivo de obter dados que interessem à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social entre o entrevistador e o entrevistado (GIL, 1991). O investigador pode adotar um entre os três tipos de entrevista: a estruturada, a semiestruturada e a não estruturada.

A entrevista estruturada é realizada a partir de um roteiro previamente elaborado pelo pesquisador, com caráter definitivo, pronto, contendo questões abertas, procurando responder às questões e os objetivos do estudo. Na entrevista semiestruturada, o pesquisador elabora algumas (poucas) questões abertas em articulação com os objetivos do estudo, sendo que não tem caráter exclusivo, podendo o entrevistador criar outras questões no desenvolvimento da entrevista. A entrevista não estruturada dispensa o roteiro previamente elaborado, porém exige habilidades do entrevistador e muito cuidado para não criar viés na entrevista.

PROCEDIMENTOS

Os procedimentos de coleta, apresentação e análise dos dados devem ser descritos pelo pesquisador no capítulo da metodologia, detalhando passo a passo no projeto como o pesquisador pretende aplicar as técnicas de coleta, apresentação e análise dos achados da pesquisa, ou seja, vai desde a descrição de como fez a solicitação do local, onde pretende realizar a pesquisa, até a apresentação e discussão dos resultados.

Quanto à análise dos dados, o pesquisador deve determinar no projeto como fará a apresentação e discussão dos achados da pesquisa. No relatório da pesquisa seu autor deve descrever como realizou a análise, como fez a apresentação e discussão dos resultados, dependendo do tipo de abordagem: quantitativamente, através de tratamentos estatísticos ou qualitativamente, através da discussão dos depoimentos dos sujeitos participantes do estudo, com o apoio de um método de análises. A seguir, apresentaremos o exemplo extraído de uma monografia:

A coleta de dados desta pesquisa foi realizada mediante a técnica de entrevista semiestruturada, a qual favorece não somente a pura descrição de fenômenos,

mas também, a compreensão de sua totalidade e explicação dos significados. Esta técnica permite ainda ao entrevistador, estabelecer tópicos orientadores, possibilitando sua presença atuante e consciente, podendo relatar fatos e situações que considere relevantes na ocasião de sua realização, sem, portanto, induzir respostas ou submeter o entrevistado a situações pré-fixadas (MINAYO, 1995).

Para realização das entrevistas foi seguido um roteiro contendo questões subjetivas que abordam a atuação do enfermeiro no Programa de Saúde da Família sob o aspecto das competências técnicas, científicas, éticas e legais. Este roteiro era composto de duas partes: uma introdutória que levanta dados para a caracterização da amostra, e a segunda parte contendo questões norteadoras para a realização do estudo proposto.

As entrevistas foram realizadas de acordo com a agenda de reuniões do regional, sendo gravadas em fita cassete e, posteriormente transcritas, tomando-se como critério para transcrição os mesmos adotados por Braga (1998), que são: respeito à produção original e máxima fidelidade às informações linguísticas (estilo da fala) e para linguísticas, tais como: risos, pausas, tom de voz e ênfase.

Esta investigação foi conduzida levando-se em consideração os princípios éticos básicos para as pesquisas envolvendo seres humanos no contexto brasileiro: o respeito à pessoa, o comprometimento com o máximo de benefício individual e coletivo, a garantia de que danos previsíveis serão evitados, bem como a igual consideração dos interesses envolvidos, assegurando sua destinação social e humanitária. Tais princípios são preconizados pelo Conselho Nacional de Saúde, na Resolução nº 196/96. (BRASIL, 1996b).

Antes do início da coleta de dados foi obtido o consentimento dos participantes da pesquisa, sem qualquer coação, respeitando-se a liberdade de escolha do indivíduo. Em seguida foram fornecidos os devidos esclarecimentos referentes à pesquisa (objetivos, métodos) e os participantes foram estimulados a fazer qualquer pergunta visando dirimir eventuais dúvidas relacionadas ao processo investigativo. Somente depois de esclarecido o participante de modo satisfatório sobre as generalidades do estudo, foi obtido por escrito o seu consentimento, garantindo-se ao mesmo considerar o desejo, ou não, de participar da pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida somente após ter sido submetida à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

do Centro de Ciências da Saúde (CCS), da Universidade Federal da Paraíba, sendo as entrevistas realizadas pela própria pesquisadora que, no momento da coleta de depoimentos buscou um bom envolvimento empático com as participantes do estudo, visando facilitar a realização da pesquisa.

Todo o processo observou a elaboração do Cronograma de Atividades, indicando o período previsto para cada etapa do projeto, a lista de referencias e os anexos. Oportuno se faz ressaltar que as referências de um trabalho científico neste texto seguem normas vigentes da ABNT, mais precisamente, observando-se a NBR 6028.

Os dados foram coletados após sua aprovação pelo Comitê de Ética, mediante um roteiro preestabelecido, elaborado em articulação com os objetivos do estudo e, posteriormente, foram apresentados em tabelas e gráficos, analisados e discutidos com apoio na estatística descritiva.

REFERENCIAL TEÓRICO

Inicialmente, o pesquisador precisa fazer uma leitura preliminar, com a finalidade de selecionar o

material a ser usado na construção do referencial teórico, que vai dar sustentação ao estudo e oferecer condições para prosseguir no processo de investigação. Ressalte-se que o processo de leitura inicia-se para a apreensão do conteúdo, para chegar à compreensão do mesmo, e assim, conseguir fazer a elaboração e publicação do conhecimento científico.

Trata-se de um texto elaborado pelo autor da pesquisa a ser realizada. O pesquisador escreve o referencial teórico, também chamado de suporte teórico, a partir das leituras realizadas em textos de autores de reconhecimento social, que abordem a mesma temática. Para dar credibilidade ao estudo, o pesquisador precisa fazer leituras acerca do conhecimento já existente, que possa fundamentar o objeto de seu estudo. Isso exige que no texto apareçam citações diretas e indiretas, observando as normas técnicas vigentes e garantindo a fidelidade aos autores lidos.

A sugestão que fazemos é nunca iniciar o capítulo com as palavras dos autores lidos, e sim, com as palavras do pesquisador, que está escrevendo o texto. Os autores lidos, além do reconhecimento social, sejam recentes, pelo menos dos últimos cinco anos, salvo quando

representem importante marco na trajetória histórica da temática em estudo.

Exemplo de citação direta até três linhas:

Ao fazer uma citação direta com até três linhas, o pesquisador a coloca dentro do parágrafo que está escrevendo, entre aspas e com o mesmo tamanho da fonte e o mesmo espaçamento, informando a data de publicação do documento e a página de onde retirou a citação, para garantir a fidelidade ao material que está analisando e evitar plágio.

Partindo-se do título Hipertensão arterial na gestação: Implicações para a saúde de mãe e filho, pode-se afirmar que uma mulher que desenvolva hipertensão arterial na gestação passa a ser considerada de alto risco. Exige que o profissional de saúde faça a investigação primária. A gestação de alto risco é caracterizada por “algum distúrbio ameaçador à saúde da mãe e/ou do feto, tal distúrbio pode ser em decorrência exclusiva da gestação ou pode ser uma alteração que já existia antes de a mulher engravidar” (SILVA et al., 2014 pag. 33).

Exemplo de citação direta com quatro linhas ou mais:

Ao fazer uma citação direta com quatro linhas ou mais, o pesquisador faz a introdução da ideia, colocando a citação em texto recuado em quatro centímetros à esquerda, alinhado à direita, escrito em fonte com tamanho 11, e espaçamento simples, informando a data de publicação do documento, e a página de onde retirou a citação, para garantir a fidelidade ao material que está analisando e evitar plágio.

Cada abordagem metodológica demanda técnicas, instrumentos e enfoques específicos. Para que a pesquisa seja qualificada como científica, deve ser feita:

De modo sistematizado, utilizando para isso método próprio e técnicas específicas e procurando um conhecimento que se refira à realidade empírica. Tais características distinguem a pesquisa científica das demais modalidades de investigação pelo método e técnicas utilizados, por estar voltada para a realidade empírica e pela forma de comunicar o conhecimento obtido (RUDIO, 2003, P. 9).

Exemplos de citações indiretas:

Neste caso, o pesquisador lê, interpreta e escreve a ideia lida com suas próprias palavras, referenciando o autor lido, ou os autores lidos, informando a data de publicação do documento, para garantir a fidelidade ao material que está analisando e evitar plágio.

O acidente vascular cerebral (AVC) é uma redução repentina da circulação sanguínea no cérebro, causando a falta do suprimento de oxigênio no mesmo levando a lesão ou necrose dos tecidos cerebrais, representa a principal causa de mortalidade no Brasil e em todo o mundo. Em outros termos, é caracterizado pela diminuição ou completa interrupção do aporte sanguíneo cerebral. Sua causa pode ser trombótica (tipo isquêmico) ou gerada pelo rompimento de um vaso do encéfalo, acarretando extravasamento de sangue no parênquima cerebral, sendo classificado como hemorrágico (MOREIRA, 2010).

Ambos os tipos ocasionam disfunção cerebral, porém os mecanismos de lesão são diferenciados. O primeiro ocasiona diminuição da perfusão de sangue ao encéfalo, enquanto, no segundo, a lesão cerebral é oriunda do contato direto das estruturas sanguíneas com

as células encefálicas. O tipo de AVC mais frequente é o isquêmico, pois acomete cerca de 80% dos casos e os outros 20% o tipo hemorrágico (ALMEIDA, 2012).

A identificação de casos de gravidez de alto risco exige da equipe de saúde cuidados diferenciados. Enquanto as necessidades dos grupos de baixo risco são solucionadas geralmente no atendimento primário de assistência, os grupos de alto risco requerem atendimento especializado e emergencial dos serviços de referência (PELIZZARI, 2016). Desta forma, identificar precocemente a mulher com risco gestacional é essencial para que as intervenções apropriadas possam ser instituídas imediatamente, aumentando a probabilidade de alterar a evolução e proporcionar um desfecho positivo.

ORÇAMENTO

O orçamento em um projeto de pesquisa é um quadro, no qual o autor do projeto faz uma apresentação dos recursos necessários para a realização da pesquisa, como o exemplo abaixo:

Ordem dos itens	Valores orçados
Aquisição de textos	Cr\$ - 500,00

Material de expediente	Cr\$ 200,00
Trabalho de correção	Cr\$ 250,00
Trabalho de formatação e impressão	Cr\$ 200,00
Total	Cr\$ 1.150,00

CRONOGRAMA

O cronograma em um projeto de pesquisa é um quadro, no qual o autor do projeto faz uma previsão do período em que a pesquisa deve ser realizada, com suas respectivas atividades, como o exemplo abaixo:

ATIVIDADE A REALIZAR – MESES DO ANO DE 2019

Atividade	jan	fev	mar	abr	maio	jun	jul
Seleção do material	X						
Domínio do conteúdo		X					
Elaboração de instrumentos		X					
Aplicação dos instrumentos			X				

Análise de dados			X				
Discussão dos achados				X			
Revisão				X			
Elaboração de relatório					X	X	
Publicação de artigo							X

REFERÊNCIAS

ALVES, Magda. **Como escrever teses e monografias:** um roteiro passo a passo. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BARROS, A. J. B.; LEHFELD, N. A. S. **Projeto de pesquisa:** proposta metodológica. Petrópolis: Vozes, 1991.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1991.

COSTA, Sergio Francisco. **Método científico:** os caminhos da investigação. São Paulo: Editora Harbra, 2001

FACHIN, O. **Fundamentos da metodologia.** São Paulo: Atlas, 1993.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2009.

HÜBNER, Maria Martha. **Guia para elaboração de monografias e projetos de dissertação de Mestrado e Doutorado.** São Paulo: Mackensie, 2004.

LAKATOS, E. M.; MARACONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. **Pesquisa em educação:** abordagem qualitativa. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002, 80 p.

MONTEIRO, G.T.M.; SAVEDRA, M.M.G. **Metodologia da Pesquisa Jurídica.** Rio de Janeiro: Renovar, 2001

PARRA FILHO, D. **Apresentação de trabalhos científicos:** monografia, TCC, teses e dissertações. 9 ed. São Paulo: Futura, 2003. 141p.

POLIT, D. F., HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1995.

PRESTES, M. L. de M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**: do planejamento aos textos, da escola à academia. Catanduva (SP): RESPEL, 2016

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1985.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. São Paulo: Loyola, 2002, 139 p.

RUIZ, A. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1993.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. Belém: Cejup, 1999.

ANEXOS

São documentos que, embora não façam parte do texto do projeto, servem de provas para o leitor. São apresentados em ordem sequencial, identificados com letras maiúsculas do alfabeto, tais como:

ANEXO A – Autorização do Gestor para a realização da pesquisa no âmbito de uma instituição.

ANEXO B – Roteiro de entrevista, formulário, questionário ou qualquer outro tipo de instrumento a ser utilizado para a coleta de dados.

ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TECLE, documento a ser assinado pelo sujeito participante da pesquisa ou seu representante legal, em caso de pesquisa envolvendo seres humanos, uma exigência da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

OBS: Em caso de pesquisa envolvendo seres humanos, o projeto precisa ser cadastrado na Plataforma Brasil, que o encaminhará a um Comitê de ética em

Pesquisa para análise e emissão de parecer. Neste caso, a pesquisa será iniciada após o parecer favorável do Comitê de Ética.

NOTA SOBRE O AUTOR

CARLOS BEZERRA DE LIMA tem Bacharelado em Enfermagem; Especialização em Metodologia do Ensino e da Assistência; Especialização em Saúde Pública, títulos outorgados pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Tem Mestrado e Doutorado em Enfermagem, realizados na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Professor aposentado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde ministrou as disciplinas Administração em Enfermagem, História da Enfermagem, Ética Profissional e Bioética, Enfermagem em Clínica Médica, Enfermagem em Doenças Transmissíveis e Metodologia do estudo científico. Exerceu os cargos de Chefia do Departamento de Enfermagem Médico Cirúrgica e Administração, Coordenação do curso de Bacharelado em Enfermagem no Centro de Ciências da Saúde da UFPB, Coordenação do Curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, Direção da Divisão de Enfermagem no Hospital Universitário Lauro Wanderley (UFPB), como decano, Direção do Centro de Ciências da Saúde, em substituição à professora Zoraide Margarete.

Foi Professor no Instituto de Educação Superior da Paraíba (IESP), onde participou na elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Enfermagem, acompanhou sua tramitação no Ministério da Educação, e exerceu o cargo de Coordenação do referido curso, e ministrou as disciplinas História da Enfermagem, Ética e Exercício Profissional da Enfermagem, e Introdução ao Estudo Científico.

Coordenou o curso de Bacharelado em Enfermagem das Faculdades Integradas de Patos- FIP, em Patos (PB), onde lecionou as disciplinas: Enfermagem na Saúde do Trabalhador, Exercício Profissional e Bioética, e História da Enfermagem. Colaborou na instituição da Clínica Escola de Enfermagem da FIP, que foi denominada Clínica Escola Dr. Carlos Bezerra de Lima, em sua homenagem.

Foi Professor no Centro de Ensino Superior Santíssima Trindade (CESST) / Faculdade Santíssima Trindade (FAST) em Nazaré da Mata (PE), onde participou na elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Enfermagem, acompanhou sua tramitação no Ministério da Educação, e exerceu o cargo de Coordenação do referido curso, e ministrou as disciplinas História da Enfermagem, Ética e Exercício

Profissional da Enfermagem, e Introdução ao Estudo Científico, Saúde Ambiental, e Sistematização da Assistência de Enfermagem.

Criou e gerencia a editoração da Revista Temas em Saúde, um periódico interdisciplinar que tem como meta a interdisciplinaridade entre as diversas profissões que integram a área da saúde. Durante uma década este periódico circulava em forma impressa, passando por algumas avaliações do ISSN, sendo que atualmente, suas edições estão disponibilizadas ao público apenas Online, avaliada em seis áreas distintas, com qualis A1 na área interdisciplinar.

Atua como professor na Faculdade Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão de João Pessoa (PB), onde leciona as disciplinas: Ética profissional, Fundamentos da Enfermagem do Trabalho, Metodologia do Trabalho Científico I e Metodologia do Trabalho Científico II, segurança do Trabalhador, e Saúde do Adolescente.

Autor e editor de Livros e de Capítulos de livros em diversas subáreas do conhecimento, bem como de editoriais e artigos científicos, publicados em periódicos de circulação nacional.